

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Bessa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ. SORIANO, 48

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O TOURO E A MORTE

Meados de julho: calor sufocante, azul tostado no céu e cigarras a cantar, na terra, nos cigarras de Toledo. Madrid, sob a torre de sol, abanica-se, toma gelados, limpa o suor, sensualiza-se com o delírio do seu palrar, sonha, divaga e abala para o grande espectáculo da tarde.

Cartazes nas paredes anunciam fechos. O vermelho exalta-se. O amarelo irradia firmeza. Na Castellana, o verde invoca o regador municipal. Praça á cunha—a turba freme, berrante, colorida e cruel arde em entusiasmo que lhe aquece o sangue e lhe povoa a fantasia com imagens impiedosas. Dez mil pessoas, numa sarça flamejante.

De repente, abre-se a porta do redondel e em corrida desvalhada, pulverulenta, tumultuária, a réz produz-se como uma maravilha de força e de braveza desconfiada. Ergue os olhos para o alto e fixa-os em determinado camarote.

Quem busca a sua curiosidade instintiva?

O publico comove-se, agita-se e decifra a muda interrogação:

—Não está cá!...

Esboçam-se atitudes, intervem a politica que logo se divide em sectores:

—Viva a Republica!

—Este viva passa rapido, mas fulgurante, num frenesi. Uma senorita põe-se de pé e brada:

—Viva o rei!

Tumulto, clamores, sócos e assobios. Um espectador:

—Tenga usted cuidado, senorita, que sus ojos son republicanos!

Aplausos ao gracejador que, num gesto delicado, saudava em grande vênua, a heroína que afirmou contra todos a sua formosura e a sua fé dinastica.

O Miura, negro como um carvão, imponente, fumegante, orgulhoso, aproveita a oportunidade para um monólogo:

—Que demonio será isto? Conheço o Guadalquivir, longo como um suspiro conventual, mas não compreendo porque me colocam sob os olhares desta chusma chamuscada—em recinto fechado. Devo confessar que o espectáculo tem caracter, animação e fulgor... Que linda morenita surge além sobre o ombro robusto do lapuz que, de vez em quando, a ergue nos braços como um trofeu! Em todo o caso, é necessário acautelarmo-nos, pois entre os homens e a minha raça as relações nunca foram amistosas. Que pretenderá aquele terrível cavaleiro que me está a provocar acolá? Vou-me a ele...

Em três saltos e um mugido estupendo, virou de pernas para o ar o picador e o seu triste, escanzelado rocinante. Não deixou, porém, de re-

ceber no tremulo cachão iroso um golpe fundo donde rebentou, referente e escuro, o seu sangue generoso.

—Ai o alma do diabo que me tocou a valer! A's profundas do inferno vá eu parar, se não me vingar da inesperada afronta.

Cego de raiva, correu para a direita e para a esquerda, escorregou na areia, sentiu-se ridiculo, pateou e escorneou o proprio terreno que pisava, mas quando, já de pé, resolute e hirsuto, se preparava para derrubar um francelim que ironicamente lhe dizia: —Eh touro! Eh touro!—recebeu um par de bandarilhas elegantes, arduas, numa sarabanda de fitas de varias cores que lhe fizeram passar, diante da vista, o semblante do perigo.

—Que especie de sociedade é esta? Trazem-me para aqui como para uma festa, vêm burgueses e fidalgos, escravos e senhores, artistas e boémios, com musicas, canções, bandeiras e clarins, graças e primores do velho tempo. a fim de se divertirem e folgarem doidamente, cobrindo-me o corpo de chagas... Assim se pratica a hospitalidade? Raios me partam, se isto não é uma verdadeira traição! Matam-me com certeza, se não resisto a tamanha maldade...

Arrancou como uma torrente embravecida contra um bandarilheiro que lestamente trepou a trincheira, enquanto ele malhava nela com a

massa enorme e arfante do seu corpo, a rugir despedaçado. Vozes dos espectadores:

—Ponham-lhe um espelho em frente e verão como o bruto se ri da figura que faz!

Por cima da colera que o revolia e do sofrimento que lhe retalhava as carnes, vinha agora o escarneo alvar da multidão.

—Maldita sorte a minha! Detesto Madrid, cidade onde se supliciam os valentes e se queimam os inocentes. Como me recorde da minha querida Andaluzia...

Trovejavam aclamações, voavam «piropos» ás donzelinhas, as filarmónicas enchiam os ares com as notas faceis e risonhas dos «passe-calles» e bebiam-se limonadas, sacudiam-se lenços, moviam-se leques e os cravos coruscavam nas lapelas.

Só para ele não havia repouso nem mercê. De fracasso em fracasso, de logro em logro, de desaire em desaire, quantos buracos na pele, o pobre touro atonito, a escorrer suor e sangue, com a praça a girar, num corropio, em torno dele, as pernas a tremer, o poderoso focinho sujo e escalavrado, causava dó a quem não tivesse a compaixão curtida em sangue e areia.

Por fim, a cena final—o desenlace do duelo entre a civilização e a selva. O «espada» surgiu-lhe do lado esquerdo, irresistível com o pano encar-

nado, a captar-lhe o ser, as entranhas:

—Nem por mim nem contra mim: trago-te a morte velada, mas pomposa como um triunfo. Aceita-a sem protesto.

—Morrer eu, na força da vida, vítima de barbaros que blasonam de cristãos! E' isso que vamos ver...

Mas o sedutor chamava-o, afagava-o, furtava-se ás suas investidas, estonteava-o e quasi lhe ateava a volúpia de acabar.

—Que fim tiveram meus pais e avós? Vieram, acaso, como eu á corte e expiraram, sob o palpitante amoroso dos corações femininos, sequiosos de chacina?

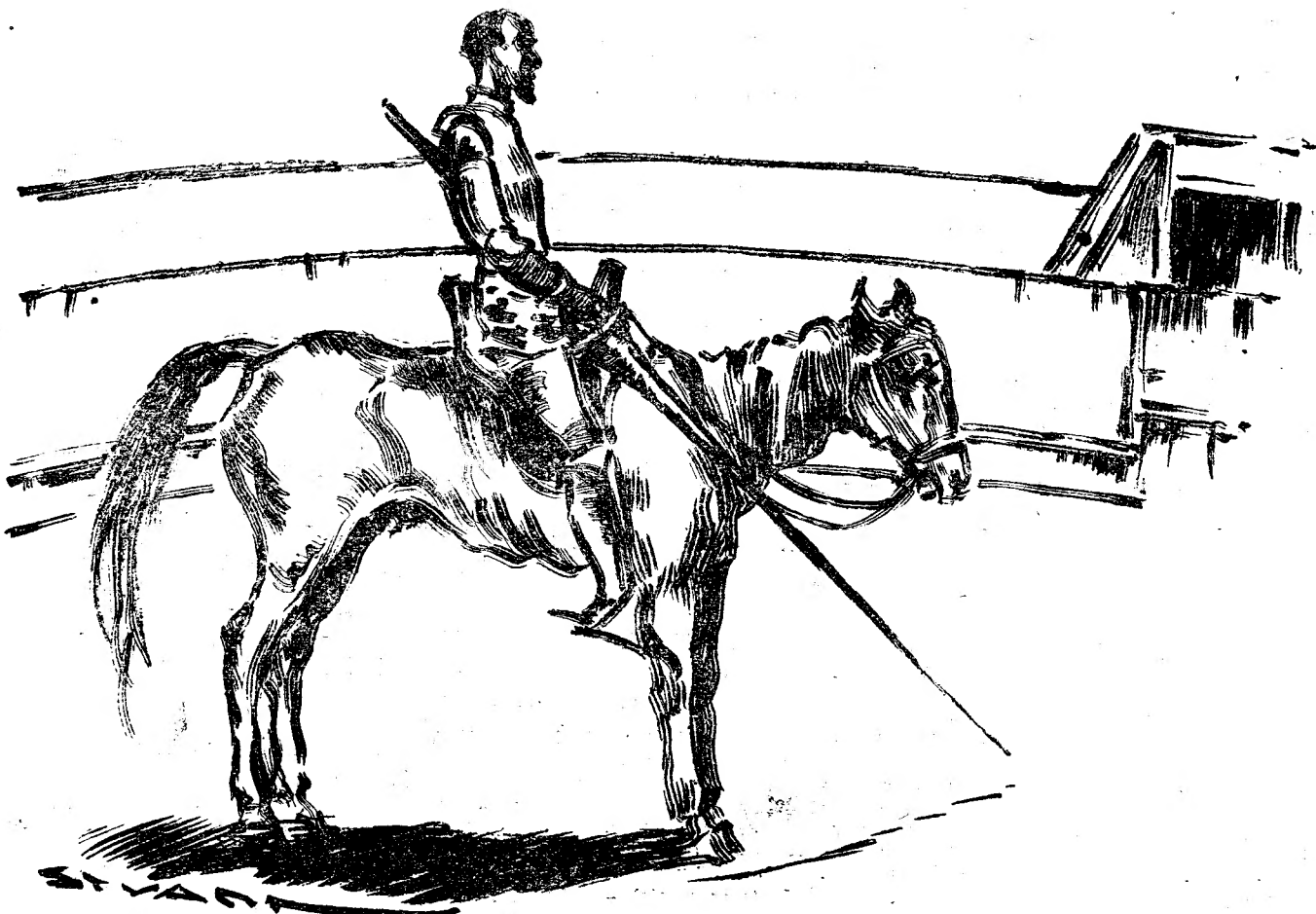
Decidiu, porém, vender-se caro: lutar até o fim. O «espada» tocou-lhe com a ponta da lamina fatal, a escolher o sitio para a grande estocada. Rugiu, num derradeiro arranco:

—Canalha, bem te compreendo. No entanto, toma conta que ainda aqui estou...

Numa arremetida em que pôz toda a sua furia, avançou, destemido, insaciado de se jogar contra o destino. Com a agonia a turvar-lhe os olhos muito abertos, num rasgo de espanto, ainda percebeu o avançar do ferro, entre as espadas:

—Chegou a hora! Pago aos homens o tributo de ser forte, mas não astuto.

GLAUCIAS.



TEATROS E CINEMAS

«O Estandarte», no Teatro da Trindade

Antonio Ferro é um crítico experimental. Tem viajado muito. Tem lido muito. Tem escrito muito. O seu nome já passou as fronteiras. Paris admira-o. Madrid discute-o. E esta pequena Lisboa, incluindo mesmo a «Brasileira», de que ele tem tão más impressões, fornece-lhe aquele limitado numero de inimigos, que dão á sua gloria um brilho nictitante, mas efervescente. Ninguém como ele tem mais responsabilidades no ambiente teatral. Criou-as, sendo o paladino audacioso e terminante de Pirandello, de Schaw, e de todos os outros, que têm revolucionado a dramaturgia, modelando-a em novas concepções, em bizarras doutrinas, em virtuosismos de técnica. Tudo isto fazia supor, que Antonio Ferro, dum modernismo «à la page», nos desse na sua segunda peça um modelo nitido, eloquente, invulneravel desse teatro moderno, que rasgasse os acanhados horizontes do nosso, marcando-lhe a via a seguir.

«Estandarte», titulo que, simbolicamente, é uma bandeira, não obedece, não segue os princípios de estética dramatica que Antonio Ferro tem espalhado entre nós. Nem sequer corôa o arranha-céus da sua obra. Drapeja lá no alto, como muitos outros pavilhões nacionais, de velhinhas côres, pedindo ao vento que o enfunde, para que se veja. Antonio Ferro fez, ontem, no «Diário de Lisboa» a critica da sua peça. Quasi que esgotou o assunto, deixando os colegas numa triste situação. Fechou-os á chave com as suas palavras. «Por aqui não entramos!». A mim deu-me licença para entrar apenas no primeiro acto da peça. Aos outros, nem isso. Mas no final da sua curiosa entrevista, generosissimo, como advogado perorando para o antigo juri, dizia com as características reticências que enfeitam sempre a sua prosa: «o publico é ainda o grande critico instinctivo».

Não ha duvida! Provou-se, ontem, na representação do «Estandarte». O publico fez justiça, aplaudindo o primeiro acto e condenando os outros dois. Mas não se julgue que as manifestações produzidas durante o decorrer do espectáculo foram produto duma cabala. Não! Chamar inimigos aos que discutem a nossa obra é um erro grave. Se assim fôsse não existiria selecção, nem classificação de valores, nem escolas, nem mesmo personalidades. Uma só bastava. Tinham-se talento por direito divino — e a opinião publica seria a opinião que se publica.

Antonio Ferro é vítima, por vezes, da sua propria grandeza. De tal maneira que as suas reais qualidades de escritor e de jornalista, sempre insatisfeitas com os resultados obtidos, excedem-se, tentando terrenos duros e ingratos, que elas, com dificuldade, vão pisando. Isto succede no teatro. Nem sempre um bom cronista é um bom dramaturgo. Antonio Ferro — prova-o. E' agora a ocasião de dizer porquê, analisando a sua peça. «Estandarte» pretende ser um con-

filito passionnal envolto num caso politico da época. A figura central, que morre no segundo acto, é a biografia dum chamado chefe. Elegante, rude de palavras, imperativo no querer, ele domina a vida, os acontecimentos, e as mulheres, com uma facilidade assombrosa. Tem um inimigo que o combate terrivelmente na imprensa. Um artigo mais violento, com o titulo de «Indesejáveis», atrai o chefe para o exilio, que assim evita a prisão. Antes de partir parece que liquida o seu conflito sentimental. Dum lado a mulher, que o ama, mas que o irrita com as suas ironias. O filho, de poucos anos, certamente, e a casa, em que ambos vivem. Do outro, a amante, a secretaria, a confidente, a dactilographa, que ele prefere, exigindo á mulher a separação, o filho e a casa. Mas a policia está-lhe no encalço. Então, as duas mulheres, separadas por aquele amor, unem-se á roda do homem-chefe, palpitantes de paixão e do carinho, salvando-o, compellido-o á fuga. E' isto, nas suas linhas gerais, o primeiro acto. E, sem exagero dizemos: é belo como teatro. Tem atmosfera. Empolga. O desenho dos caracteres, embora com falhas, com reviramentos, mantem-se, criando interesse, acção, curiosidade. O dialogo, de frases curtas, tem a cintilação e eficiencia necessarias.

Não é teatro moderno, mas é perfeito, duma singular acuidade, que lembra, sem imitação, claro, o melhor Bernstein. No segundo acto, a peça deixa de respirar. O chefe morre, as duas mulheres têm uma longa cena, abundante de lagrimas, ha dois «apertivos» de recorte literario, o da «Patria», no qual não se sabe bem onde o autor quer chegar, e o duma fantástica recepção, na «gare» do Rossio, aparecendo o inimigo do chefe, que se apossa da situação, tomando com generosidade conta do partido do outro, da gloria do outro, e de varios pequenos bens, nada desprezíveis. Fala-se por exemplo, numa revolução das almas, mas não se diz qual. O aspecto politico não se precisa. As figuras perdem relevo e andam á toa e muito embrulhadas em palavras. O terceiro acto é, francamente, mau. Vê-se que o autor, liquidada a personagem central, finalizado o conflito sentimental, definida a attitude do inimigo do chefe, nada mais tem que fazer. Então, recorre á oratória e á conversações pueris, abusando do nome do personagem morto, inçando o dialogo de «vocês» — numa pavoresca inercia, numa lamentavel indecisão. Foi, neste acto, sobretudo, que o «Estandarte», que tão alto subira, no primeiro acto, se abateu, com tristeza, perante as intervenções constantes do publico. Não insistimos sobre outros pormenores para que não nos acusem de impiedosos, motivo porque terminamos já aqui a critica, louvando sinceramente, o desempenho da companhia do Trindade, que foi brilhantissimo.

A. P.

«A Dansarina Vermelha»

A seguir ao «Ciclone» que tão largo successo tem obtido, vai a Companhia do Nacional levar á cena a empolgante peça em 3 actos e 5 quadros de Charles Henry Hirsch, tradução de Rodrigo Lessa «A Dansarina Vermelha» inspirada na vida da celebre bailarina Mata Hari a espiã que os franceses fuzilaram por estar ao serviço da Alemanha. Amelia Rey Colaco interpretará o papel de Fautcha, que assim se chama na peça a bailarina Robles Monteiro será o advogado Marcos Brégy, que acompanhando-a nos seus dias de gloria a não quiz abandonar nas suas horas de dor.

Emília de Oliveira e Maria Clementina, Raul de Carvalho, Henrique de Albuquerque, Alvaro Benamor e Vital dos Santos desempenharão outros papeis de grande relevo, completando o elenco as demais artistas da companhia que figuram quasi por inteiro.

Beatriz Costa

Beatriz Costa, que afinal não recebeu convite para nenhuma empresa, visto que toda a gente de teatro conhecia o seu contrato com a empresa do Variedades, está preparando a sua reentrada nesta casa de espectáculos, fazendo-o ainda dentro da actual revista «Pim! Pam! Pum!» para o que ensaia uma serie de novos numeros que vão ser incluídos na referida revista e que a querida e popularissima «vedette» interpretará com o brilhantismo que põe em todas as suas aplaudidas criações.

Atrás do reposteiro

Entrou em ensaios, no Politeama, a peça «Zázá» que possivelmente ali subirá á cena, em festa de homenagem á actriz Ilda Stichini. —Regressaram do Porto os secretarios teatraes srs. Antonio Vasques e Joaquim Ferrugem.

—Estão muito adiantadas as obras a que se está procedendo no antigo teatro Carlos Alberto, do Porto, que deve ser inaugurado no começo da época de inverno.

—O filme português «Os Campinos» deve ser estreado em Lisboa, num dos nossos theatros, no dia 25 do corrente, sendo seus interpretes o cavalleiro Antonio Luiz Lopes e a actriz Maria Helena.

—Substituindo a actriz Maria Helena, ingressou no elenco do Apolo a sua colega Branca Riquetti que está interpretando a comedia «O Quarto Azul».

—Um experimentado escritor está trabalhando numa peça genero livre, intitulada «Xavier, Carneiro & Comanditas».

—Vai ser entregue a uma das nossas empresas a opereta, de Penha Coutinho, «A cigarreira de Xabregas», musicada por Camilo Rebelo, Alfredo Mantua e Serra e Moura.

—O actor Francisco Ribeiro, embora contratado da empresa do Variedades, fica no Maria Vitoria a fim de interpretar um dos papeis da opereta «A Senhora da Saude».

—No Politeama, até ao proximo domingo, em que se realizam «matiné» e «soirée», continua a representar-se a farsa «O Pai da Criança», em duas sessões cada noite.

—Como tão cedo não haverá outra revista em Lisboa, a do Variedades — «Pim! Pam! Pum!» — está sendo o ponto de reunião de todos os amadores do genero.

—Do elenco da nova companhia do Avenida faz parte a actriz Elisa Carreira que, desde a sua chegada do Brasil, ainda não trabalhou em Lisboa.

—A companhia Maria das Neves segue viagem para o Rio de Janeiro a bordo do paquete «Atlantia».

—O teatro do Gimnasio acaba de ser alugado por uns poucos de anos ao antigo empresario sr. Cesar da Cunha Santos que, segundo consta vai explorar o elegante teatro com espectáculos de varios generos incluindo a apresentação do cinema sonoro, para cujas exhibições já adquiriu um magnifico aparelho da importante marca B. C. A.

Francisco Mexe, o «boxeur» que se vai exhibir no «ring» do Coliseu, no proximo sabado, e que é hoje campeão de Portugal amador, foi o entrinador de Santa Camará.

—Encontra-se livre de perigo o actor Abilio Baptista, que há dias sofreu uma operação num olho, devido a uma congestão que lhe ia sendo fatal.

—O popular teatr. Capitolio, do Parque Mayer, continua com grandes enchanes, agradando plenamente os espectáculos de cinema e variedades, genero «music-hall», que ali se vêm exhibindo, há já alguns dias.

PREFIRA FOSFOROS



Porque são os melhores. Teem fosforos de ouro Que valem E S C . 5 0 \$ 0 0 .

Junte 100 etiquetas e concorra aos sortelos mensais de **BRINDES VALIOSOS** e ao sorteio de **UM AUTOMOVELO CITROEN** em Julho de 1932

T. S. F.

Programas escolhidos para esta noite

A's 19 e 10: BERLIM (1,7 kw.—283 m.): musica ligeira.
19 e 30: PRAGA (120 kw.—489,5 m.): retransmissão do Teatro Nacional de Praga: «A Traviata», de Verdi.
19 e 45: TOULOUSE (8 kw.—385 m.): concerto pela orquestra Argentina.
20: LANGENBERG (75 kw.—472,4 m.): concerto variado; LONDRES NACIONAL (50 kw.—261,3 m.): recital, peças de Franck, Bach, Handel e Schubert.
20 e 5: BOLZANO (1,5 kw.—368,1 m.): concerto variado.
20 e 30: PARIS P T T (1 kw.—447 m.): comédias radiofonicas; ARGEL (16 kw.—363,6 m.): discos comicos, LANGENBERG (75 kw.—472,4 m.): figuras vienenses: Josef Lamver e John Strauss, cenas e musica; TOULOUSE (8 kw.—385 m.): orquestra vienense.
21: RABAT (6 kw.—416,4 m.): concerto sinfonico; LONDRES REGIONAL (50 kw.—398,9 m.): musica de camera; TOULOUSE (8 kw.—385 m.): concerto variado.
21 e 10: BERLIM (1,7 kw.—283 m.): concerto.
21 e 35: LONDRES NACIONAL (50 kw.—261,3 m.): concerto pela orquestra B. B. C.
22 e 20: LANGENBERG (75 kw.—472,4 m.): musica ligeira e de dansa.
22 e 35: LONDRES REGIONAL (50 kw.—398,9 m.): musica de dansa.
22 e 45: STUTTGART (75 kw.—360,6 m.): concerto de musica ligeira; TOULOUSE (8 kw.—385 m.): concerto; LONDRES NACIONAL (50 kw.—261,3 m.): musica de dansa.

Emissoes nacionais

para esta noite

Das 20 ás 22: C T I E B (Radio Condés), (283 m.), discos.
Das 21 ás 0 horas: C T I G L (Radio Club Português), (453,2 m.), discos.
Das 22 ás 0 e 30: C T I B O (Hertziana), (320 m.): recital de canto e concerto de orquestra, sob a direcção do maestro Raul de Campos; I «Recordações do Buçaco», Raul de Campos, Orquestra; II «Absolutamente», canto por madame Buttler Lopes; III «Comde de Luxembourg» Selecção da opereta de Franz, Lehar, Orquestra; IV «Canto», por madame Buttler Lopes; V «Serénata de Westerhout» Orquestra; VI «Madame Butterfly» Selecção da ópera de Puccini, Orquestra; VII «Canto» por Madame B. Lopes; VIII «Melodie Plaintive, Solo de violino, Raul de Campos; IX «Canto» por Madame B. Lopes; X «Aguarela Bcirã», «O Dominó do Frade Capuchos», Raul de Campos; XI «Cenas Pitorescas», de Massenet, Orquestra; XII «Canto», por Madame B. Lopes.

OUÇA O FAMOSO RECEPTOR EMERSON RADIO

A GRANDE MARAVILHA DO RADIO
DISTRIBUIDORES
R. DA CONCEIÇÃO, 35, 1.º TEL. 24 253

Voluntarios do Zambujal

ZAMBUJAL, 3—Com a assistência de numerosas pessoas, realizou-se aqui a cerimonia do lançamento da primeira pedra para o novo quartel dos Bombeiros Voluntarios desta vila. Assistiram o administrador do conselho de Loures e outros convidados.—(C.)

Vões de turismo

No proximo domingo, o avião «Farman», da Companhia Portuguesa de Aviação, realiza vões de turismo sobre Lisboa, Estoril e Sintra, subindo o Tejo até Alverca. A inscrição dos passageiros faz-se, até amanhã, ás 18 horas, na rua do Alecrim, 33, 2.º

O FADO

Hoje á noite na Jansen
Com Berta Cardoso, Armandinho, Marceiro, Filipe Pinto, Georgino e outros elementos de grande valor.

COMO DESCOBRIR OURO?

Experimente comprar Lotaria a VICTOR GONÇALVES LDA.
RUA DO OURO, 152

Espectaculo sensacional

TEATRO da TRINDADE

A peça original de Antonio Ferro

O Estandarte

GRANDIOSO SUCESSO

ALPINA

A CAMISA QUE SE USA
AO CARNAVAL DE VENEZA
RUA AUREA, 107

Salão Sousa

Cabeleiro de senhoras

O proprietario GABRIEL DE SOUSA e sua esposa MARIA JOSÉ DE SOUSA previnem as suas Ex.mas clientes que melhoraram as suas instalações nos seus salões, onde agradece mais uma vez a vossa visita. Salão Sousa é recomendado pela sua já grande frequência e distinta clientela, é uma das casas mais bem frequentadas no genero, continuando com seus preços de reclame. Ondulação permanente tudo incluído 65\$00. Aplicações a Komol ou Emedia 40\$00. Cortar e ondular 12\$50. Mis-en-plis 10\$00. Cortar 5\$00.

AVENIDA DA LIBERDADE, 234 (Junto ao coreto) — Telef. N. 2911

O ANIVERSARIO DO «DIARIO DE LISBOA»

Um ano de actividade jornalística

Entra o «Diário de Lisboa» no seu 12.º ano de existência. Ao celebrarmos o facto, com a satisfação de quem, iniciando em 7 de abril de 1919 um jornal modesto para servir a Nação, acima dos homens e acima das paixões, verifica hoje que nunca nos afastámos daquela linha de conduta, inflexivelmente seguida — cumpre-nos rememorar os amigos que connosco se abalçaram a esta obra, e, especialmente, evocar com pungente saudade a memória de Antonio Vieira Pinto, nobilíssimo amigo, leal companheiro, desinteressado cooperador, que a morte prematuramente ceifou. Lembramos ainda os camaradas de trabalho que desapareceram, também pela morte, e aqueles raros que se afastaram de nós.

* * *

Um ano mais de trabalho, dentro das precárias circunstâncias do ambiente, no atravessar de uma crise que de perto nos toca, é tarefa a que nos entregamos nesta página, revivendo, pela memória, os esforços dos últimos doze meses de trabalho, nem sempre isentos de contrariedades.

Os nossos quadros de trabalho, desde a direcção às oficinas, passando pelas redacção e administração, são quasi os mesmos das primeiras horas de Abril de 1919.

A nossa acção tem sempre, pois, continuidade e coerência, e o espirito moral dos nossos colaboradores mantém-se inalterável. Uma saudável alegria, quasi permanente, domina os nossos sentimentos, e nos ajuda a vencer os, aliás, facéis obstáculos.

* * *

A politica do país está estreitamente ligada à vida de um jornal que tem o caracter de informação, e cuja direcção é orientada por ideias e não por ambições. A Republica, sob cuja égide trabalhamos, sendo o «Diário de Lisboa», contudo, um jornal no qual todas as ideologias podem encontrar campo para se defender — e assim compreendemos a liberdade — passou dia a dia nas nossas colunas, no limite do possível dentro das circunstâncias.

Os factos, na sua significação e no seu exterior foram assim por nós relatados: a revolta do Funchal, para a qual deslocámos um nosso redactor categorizado; o movimento insurreccional de 26 de agosto, em Lisboa; a agitação do 1.º de Maio. Demos o maximo da importancia, e até de relevo, à acção e manifestos da conjunção republicano-socialista, às declarações governamentais do ministro do Interior, do Coliseu e do Teatro de S. Carlos, ao pensamento politico dos republicanos que não acompanham a situação,

aos projectos dos ministros por todas as pastas, às afirmações da União Nacional e aos planos do Estado Novo. Acompanhámos as mais importantes viagens presidenciais e governamentais, reproduzimos as declarações politicas ouvidas, e lográmos algumas entrevistas, nos varios departamentos da vida politica nacional, tendentes, já a esclarecer, já a informar o publico.

A acção financeira do governo foi por nós seguida, mórmente no caso da queda do estalão-ouro em Inglaterra com repercussão em Portugal.

O incidente da Camara Municipal teve no «Diário de Lisboa» o eco necessario, collocando-nos num campo meramente jornalístico, tão exacto como imparcial.

* * *

A vida internacional, agitada e por vezes cheia de imprevistos factos, deu ao nosso jornal oportunidade para reportagens, tão amplas quanto immediatas, vencendo distancias e ganhando tempo, não nos poupando para tal a despesas que para um jornal pequeno são às vezes sacrificios.

Os nossos serviços telegraficos e telefonicos, o serviço de correspondentes e colaboradores, foi efficientemente melhorado, até atingirem o maximo das possibilidades, num jornal de edição da tarde.

A proclamação da Republica em Espanha mereceu-nos, como é natural, uma enorme atenção informativa. Adiantámos ao país, por muitas horas, o conhecimento dos factos. Deslocámos para Espanha, sucessivamente, três dos nossos redactores. E pode dizer-se que não ha grande ou pequeno facto, successo ou agitação do país vizinho, que não estejam desenvolvendo-se, num jornal de edição da tarde.

Assim os acontecimentos que se ligaram com as crises financeiras alemã e inglesa, as eleições alemãs, a guerra sino-japonesa, a acção da S. D. N. e das conferencias internacionais. Não só informação, mas comentario, desenvolvimento dos factos, previsões e documentação ficam arquivados no nosso jornal de 1931.

* * *

Para os acontecimentos de relevo, que se desenvolveram ou passaram em Lisboa, deslocámos sempre redactores e reporteres, quer eles tivessem caracter nacional, quer dissessem apenas respeito à nossa vida nacional. Assim a visita do general Balbo e dos aviadores italianos, a visita da esquadra inglesa, a partida dos aviões «Do. X» para a America do Sul e do «Esa», com Costa Veiga, para a America do Norte;

as oportunas informações da queda e aparecimento deste aviador e dos seus companheiros; a visita do Principe de Gales e do Principe Jorge. Demos relevo à questão nacional da pesca, ao problema do inquilinato, às chegadas do ouro para o Banco de Portugal, à Semana da Higiene, à Semana Colonial, às magnificas representações portuguesas na Exposição Colonial de Paris, à viagem do ministro das Colonias, às inaugurações de linhas telefonicas, de monumentos, de escolas, de edificios publicos; ocupámo-nos grandemente dos planos de melhoramentos de Lisboa e da construção do Palacio da Justiça.

* * *

A vida cultural, nas letras e nas artes, dentro das tradições deste jornal, mereceram-nos paginas e artigos especiais: critica literaria, musical, cinematografica artistica e teatral, subscritas sempre por redactores nossos. A actividade do espirito nos Institutos, Escolas, Academias e Universidades; as conferencias politicas, sociais e de Altos Estudos Democraticos estão documentadas no «Diário de Lisboa».

O director deste jornal realizou conferencias de cultura, e deslocou-se a Madrid, para onde foi convidado pelo Circulo de Belas Artes.

Focaram-se neste jornal, no ultimo ano de actividade, todos os problemas do espirito, desde o religioso ao profano.

Artigos de colaboração e, entrevistas, de resto, completaram muita vez o nosso pensamento ou puzeram o leitor a par do pensamento alheio.

* * *

Todos os assuntos que interessam o publico nos interessam a nós.

Assim a vida de cultura fisica, o desporto, os jogos de predilecção popular, o divertimento tão nacional da festa de touros, as competições desportivas e taurinas, mesmo, têm sido tratados pelos nossos redactores, com competencia que o publico reconhece e com largueza.

* * *

No que respeita propriamente às nossas iniciativas, avulta em primeiro lugar a edição do «Diário de Lisboa» de domingo.

Era uma lacuna na vida de Lisboa; era uma necessidade do publico. Julgámos, sem pôr nisso o menor objectivo de lucro, que estava na nossa missão dotar Lisboa com um jornal ao domingo, ao fim da tarde.

Tal empreendimento foi coroado do mais lisongeiro exito, e para bem servirmos o publico, quer

no relato dos factos do dia, quer na colaboração aligeirada, quer na sintese politica, quer nas noticias dos jogos de desporto fora de Lisboa — não nos poupamos a esforços.

Organizámos o Concurso das Quadras de Santo Antonio, cujo exito excedeu o de 1929, e encerrámos este popular concurso, de caracter literario, com uma festa no Coliseu, na qual reunimos alguns dos nomes mais illustres do teatro português.

Realizou tambem o «Diário de Lisboa» o esplendoroso concurso para eleição da Rainha das Costureiras de Lisboa e de Portugal, e foram invulgarmente coroadas de exito as festas do Coliseu e do Estoril.

Organizámos uma excursão de portugueses a Madrid, que foi coroada de um brilhantismo invulgar e nos deixou plenamente satisfeitos: o nosso jornal cumpriu, e até excedeu quanto prometera.

Fizemos numeros especiais de 31 de janeiro e de 5 de outubro, com alto caracter republicano e entranhada fé, e este ultimo foi do mais perfeito e completo que, neste genero, se tem feito em toda a imprensa portuguesa.

Tratámos desenvolvendo o regime penitenciario, pela pena de um nosso redactor de categoria; fizemos um inquerito às profissões de Lisboa; tratámos com carinho os assuntos momentosos e retrospectivos de Lisboa; no nosso jornal se arquivam algumas «reportagens» historicas, variante de um sistema inglês, e que obtiveram exito nos leitores de todas as classes de cultura; conseguimos que a feira do Campo Grande desaparecesse do local onde estava, o que constituia uma vergonha cidadina.

Para os Museus Nacionais chamámos varias vezes a atenção dos leitores, e tomámos a nosso encargo muitas vezes acompanhar estrangeiros em visitas de propaganda aos nossos monumentos e edificios de Arte.

Ante a crise que asoberba muitas classes sociais, e com um espirito de compreensão das responsabilidades de solidariedade que sobre todos impendem — abrimos uma subscrição para os desempregados, que atingiu algumas dezenas de contos, e que distribuimos directamente.

Finalmente, os redactores desta casa mantêm todas as suas secções, quer literarias quer de comentario ou critica, e em todos os seus trabalhos eles põem a nota amena de um sorriso, no desejo de contribuirem, honesta e jornalisticamente, para entreter o leitor de um jornal da tarde, e não para o irritar.

E se nem sempre os redactores deste jornal bem cumpriram, perante o leitor, a sua missão, eles prometem, com a mesma boa disposição — tentar fazer melhor.

Chapelaria Paris, L.^{da}
ROCIO, n.ºs 119 e 120

Sortido completo em chapéus para homem, das principais fabricas nacionais, e chapéus das melhores marcas estrangeiras.

Bonets em todos os modelos, para homens e creanças; panamás, boinas, chapéus á marinheira, etc.

Durán, García & C.^a

ENGENHEIROS

INSTALAÇÕES INDUSTRIAES

Praça D. João da Camara, 19, 3.º — LISBOA

O HOMEM QUE SE FAZ PASSAR, EM LONDRES, PELA ALVES DOS REIS

No dia em que o verdadeiro Alves dos Reis lançava, da Penitenciaria, o 1.º volume do seu livro — um Alves dos Reis n.º 2 jantava num restaurante de Est-End e declarava a varias testemunhas que a justiça o havia indultado
LEIAM O NUMERO DE AMANHÃ DO REPORTER X
Revelações sensacionais

Calçado

ATLAS

A MELHOR MARCA

Fabrica no Porto: R. HERÓES DE CHAVES, 624-640

DEPOSITOS EM TODO O PAÍS

DEPOSITOS EM LISBOA: R. Aurea, 198 — R. Augusta, 149

R. do Carmo, 87 — R. do Loreto, 38

Floresta d'Alcantara

O melhor restaurante
do Bairro d'Alcantara
RUA VIEIRA DA SILVA, 115

Fabrica de Cal a Mato e Exploração de Pedreiras

DE

J. J. Hilario de Sousa**RUA DO ALVITO, 44 - Alcantara**

Pedra rija, cascalho, murraça, granito, etc.

PREÇOS SEM COMPETENCIA**M. S. de Lemos, L.^{da}**

Comissões e consignações

**RUA DA BOA VISTA, 180, 2.^o
LISBOA**Telefone: 2 7677
telegramas: MELSOMEL**Não comprem lenhas sem
consultar a nossa casa**Lenhas, sobre e asinho ao melhor preço do mercado
Avenida 4 de Julho (Frenteiro à Rua Tenente Valadim)

Telefone 24867

ANTONIO F. DA CRUZ**SOCIEDADE DE CALDEIRARIA E FORJAS, LIMITADA**

Telefone 2 3986

RAMPA DOS MARINHEIROS (Junto à Doca de Alcantara)**Soldaduras a Oxigenio**—Encarrega-se de todos os trabalhos tais
como: Caldeiras, reparações de navios, vigamentos, coberturas metálicas
e trabalhos de forjasCom pessoal devidamente habilitado que se mandará a qualquer
ponto do país

Esta casa responsabilisa-se pela perfeição de todos os trabalhos executados

**Antonio João Urceira
A MOBILADORA DO CALVARIO**Grandes Oficinas Electro-Mecanicas
Compra e vende moveis novos e usados
Mobiliarias em todos os Estilos

Preços sem competencia

Estabelecimento e oficina

LARGO DO CALVARIO

20, 21, 22 e 23

Alcantara LISBOA**A "ESMERALDA"****Fabrica de licôres****Deposito de Vinhos do Porto e Champagnes**

— DE —

Antonio Fernandes dos Santos

Lisboa—R. Poço dos Negros, 160—Telef. 22607 (antigo Palacio Flor da Moura)

Depositaría dos afamados vinhos do Porto da Casa Barros e Almeida
& C.^a—Pedir em todos os bons estabelecimentos os licôres da Fabrica
Esmeralda e os vinhos do Porto Barros é uma prova de bom gosto.**Não ha melhor ————— Bebê-los é preferi-los****Alberto Augusto Tavares**

com

loja de sola e cabedaisnacionais e estrangeiros e todos os
artigos para confecção de calçado**Rua Vieira da Silva, 123-125
ALCANTARA****PARAISO COMERCIAL**Armazem de viveres — Importação directa
Rua da Crech, 14, 16 e 18

TELEFONE 277 — BELEM

LISBOA-ALCANTARA

Finissimos lotes de café

Fornecedor das principais familias do Bair-
ro. Carnes e Queijos das melhores pro-
cedencias. Completo sortido de artigos
nacionais e estrangeiros.
Chás finos avulsos e em pacotes**F. R. PEREIRA DA SILVA & BORGES****Loja de Chá e Café**

— de —

Manuel Nunes dos Santos

CASA FUNDADA EM 1875

Generos de mercearias de 1.^a qualidadeChás — Cafés — Bolachas — Farinhas
Vinhos finos e licôres**1 — Rua da Esperança — 5****67 — Avenida Presidente Wilson — 67-A****LISBOA****A. D. RESINA, L.^{da}**

Secção de vendas por atacado

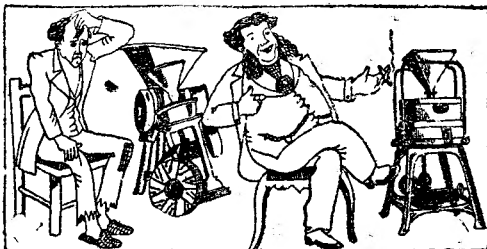
Os menores preços nas melhores condições do mercado

27-A, Rua de Alcantara, 27-B

Cereaes, legumes e mercearias

Telefone 254 — BELEM

Secção de vendas a Retalho

As melhores qualidades
— aos menores preços —

— Porque será que não vendo café?

— Porque não tens um moinho André, com mós de pedra e que móe
café, milho, trigo, comida para gado e outras especiarias. Recomenda-se
pela higiene e bom aroma! Vendem-se na Rua da Cozinha Economica, 7,
telefone Belem-228! Tambem os tem muito bonitos! Experimenta!

— Mas eu tenho outros sistemas mesmo com mós de pedra!

— Isso não presta! Foi inventado para te moer o juizo e a carne!
Por isso, só te restam os ossos! Segue o meu conselho e verás!**Joaquim Francisco Rijo****EMPREITEIRO NAVAL**

Telefone 24.187

Encarrega-se de todos os trabalhos e fornecimento de materiais
para construção naval em madeira.**Rampa dos Marinheiros****Alcantara Mar****LISBOA****Salvador Barata, L.^{da}****Drogas, tintas e productos quimicos**

Fabricantes dos

Alvaiades GAIVOTA**Rua das Gaivotas, 19-A**telefone { 21 554
telegramas { GAIVOTA

DEPOSITARIOS DO

Pó insecticida RODRIGUES**Carvões e Lenhas****BRINDES DE ESC. 28.140\$00**E' a importancia total dos que vão ser sorteados entre os consumidores de CAR-
VÕES, LENHAS e BRIQUETES, entregues ensacados, sem mais despesas, no
domicilio em Lisboa, constando de:**3 lindas mobílias, 5 maquinas de costura e 30 fogões de cozinha**fornecidos, respectivamente, pelos Armazens Oleo, Companhia Singer e Fabrica
Portugal, em cujos estabelecimentos em Lisboa estão expostos.**TABELA DE PREÇOS**

	Saca de 15 quilos	8\$ 5
Carvão vegetal sobre)	30	15\$75
	45	22\$50
Carvão de coque		11\$90
Briquetes de 1. ^a tipo inglês		1 \$00
Lenha pinho cortada para fogão		13\$00
rija		9\$50
Carvão de pedra Cardiff		9\$00
Antracite inglesa (favas)		12\$50
(nozes)		13\$50
		19\$00

IMPORTANTE—Os distribuidores andam munidos de balanças aferidas, para
que os consumidores possam verificar os pesos.**Peso e qualidade garantida — Entregas rapidas**

Pedidos pelos telefones 27506 e 20774

NUNO ALMADA Rampa dos Marinhei-
ros, 16 — LISBOA

LISBOA PROGRESSIVA

Uma vista de olhos sôbre a cidade

do bairro de Alcantara ao Cais do Sodré

Será forçoso, quanto mais não seja, como estímulo e incentivo, que de vez em quando a Imprensa faça uma visita a toda a Lisboa a fim de poder colher informações do estado adiantado e progressivo de todos os bairros cidadãos. Assim, consoante isto, eis-nos de longada numa curiosa visita, ao populoso e importante bairro de Alcantara, e dali, até ao Cais do Sodré, pela imponente e majestosa Avenida 24 de Julho.

Alcantara, encardada sob todos os aspectos, é um curioso lugar fortemente colorido e dinamizado pela sua grande população operaria que ruidosamente povoa as suas inumeráveis fabricas e oficinas, dando-lhe uma nota assás progressiva e movimentada.

Como encantador pano de fundo, o majestoso Tejo empresta-lhe, na sua côr mudo azul, confundindo-se, num grande amplexo com o firmamento, uma nota de beleza espiritualizando a materialidade do fabril bairro.

Alcantara, grande centro da actividade nacional, onde a vida objectiva, integrada na hora presente, se desenvolve em multiplas facetas, vida titanica feita de ingentes ruidos das suas progressivas oficinas que, teimosamente pretendem destruir todo o encanto deste maravilhoso cenário, é uma afirmação categorica do seu progresso, marcando um ponto de excepcional relevo na importancia da capital.

Seria bom—parece-nos—que, num bairro dum grande aglomerado de gente como é o de Alcantara, gente na sua maioria composta de operariado, se construísse, para seu aprazimento e recreio, no alto de Santo Amaro, por detrás da igreja do mesmo nome, um miradouro publico, como se tem feito noutros pontos da capital. Este melhoramento, que muito beneficiaria os habitantes deste bairro, seria, quando effectivado, um ponto, donde se disfrutaria um arrebatador panorama. Do alto de Santo Amaro, onde estivemos observando o surpreendente espectáculo do nosso imponente estuario, desce-mos as escadinhas João de Lemos, deparando, a meio delas, onde fica a rua Sá de Miranda, com um estabelecimento que se impõe pela selecção dos seus produtos—a Fabrica de Chocolates e Bonbons Regina, L.^{da}.

Por uma feliz coincidência, encontramos o nosso amigo sr. Alberto Barbosa dos Santos, socio-gerente do conhecido estabelecimento industrial que, muito amavelmente, nos convidou a entrar, a fim de—disse—podermos, muito embora rapidamente, fazer uma ideia da organização daquella modelar fabrica e, «in-loco», observarmos o grau de desenvolvimento das nossas industrias do genero. Assim, o sr. Barbosa dos Santos acompanhou-nos ás diferentes secções da fabrica Regina. Conforme iam correndo todas as dependencias deste importante estabelecimento e analisando de perto o funcionamento dos diversos maquinismos, que representam a ultima palavra em perfeição, o sr. Barbosa dos Santos ia-nos explicando, minuciosamente, todas as fases do fabrico de chocolates, bonbons, cacaos, «drops» e rebuçados. Diga-se de passagem que, esta visita, aliás inesperada, nos despertou o maior interesse e curiosidade.

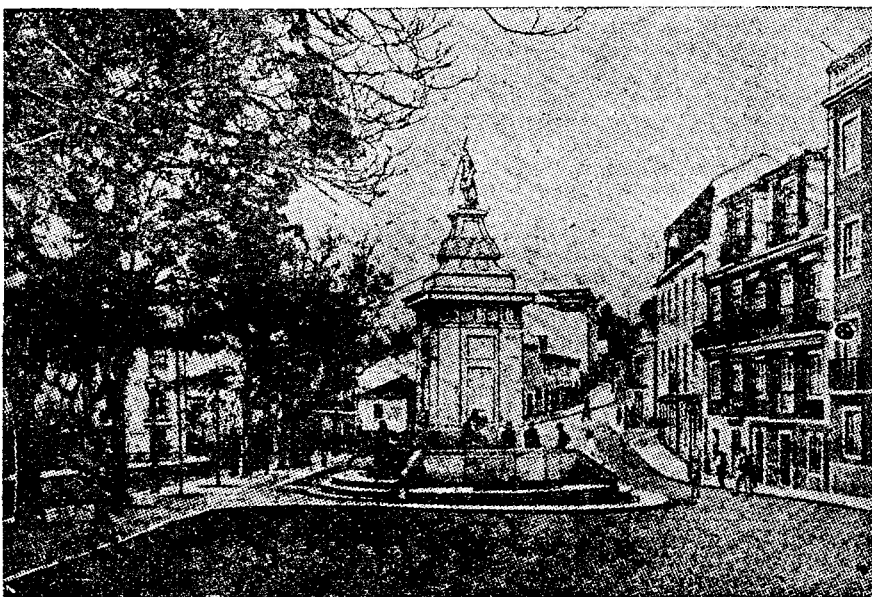
E' fora de toda a duvida que a Fabrica Regina, L.^{da}, pela sua forte organização, pela sua sabida directriz, marca, definitivamente, no nosso meio industrial, honrando assim o trabalho nacional.

Portanto, nada nos admirou o credito que merecem os seus produtos, no nosso mercado.

Consoante o que expuzemos e, para elucidar os nossos leitores da ma-

uma maquina de peneirar. E' este esplendido cacau que é vendido ao publico, em interessantes latinhas ilustradas e que gosa de uma justificada fama, no nosso publico.

Acabando a nossa visita a esta fabrica ainda nos chamou a atenção o magnifico e completo mostruario de todos os produtos que no deposito da Regina L.^{da} se encontram em exposição.



Chafariz do Largo do Quartel de Marinheiros

neira como são, escrupulosamente, confeccionados os produtos desta fabrica, vamos, levemente, descrever, o trabalho que vimos executar nas diversas secções.

Vamos, pois, começar pelas metamorfoses por que passa o cacau, desde a entrada em grão nos aparelhos de torrar e moer, até a sua ultima fase de ser transformado em chocolate e bonbons.

Lançado o grão torrado no moinho de trituração, este, automaticamente, o leva a um aparelho que o transforma em massa compacta. Daí, segue esta massa para uma secção, onde umas operarias manipulam, com toda a hygiene, bonbons de todos os tipos, formatos e tamanhos.

E' tambem bastante interessante a fabricação dos «drops» a que assistimos. Consiste esta numa solida massa de açúcar, sendo-lhe depois introduzido no meio um creme. De seguida entra esta massa na fôrma duma mangueira donde saem os «drops», já fabricados e prontos para a embalagem, que é muito perfeita e cuidada.

Curiosissima ainda é a forma como é extraída a manteiga do cacau. Este, em massa compacta, entra numa prensa hidraulica, que trabalha a 400 atmosferas, que, por um dispositivo especial, lhe extrai completamente toda a manteiga, ficando assim, este, isento de toda a gordura e mais rijo do que a propria pedra. Depois, este passa a outra potente mangueira com engrenagem dentada, onde estes blocos são triturados, sendo, depois, passado a outra, onde ainda estes pequenos pedaços são desfeitos e levados por meio de alcatruzes a um moinho, onde é reduzido a pó. Este cacau em pó passa, seguidamente, a

Analizando, pois, de visú, a vida cidadina, na sua completa laboração, auscultando-a no amago mais recondito do seu potentissimo organismo, leva-nos a supôr que, muito brevemente, á nossa linda capital lhe está reservado um auspicioso futuro.

Fatalmente que assim será e assim terá que ser, pois, o sagrado lema do dia de amanhã, que já se esboça bem nitidamente num alvorecer cheio de promissoras esperanças, e que será o Trabalho, unica razão das sociedades futuras, no-lo confirma.

Comercio e Industria

De Alcantara ao Cais do Sodré, pode afortunadamente dizer-se, o Comercio e a Industria da capital têm ali alguns dos seus principais estabelecimentos representados por firmas da maior idoneidade e importancia, que são reais valores na economia da nação.

O sr. Nuno Almada, comerciante de carvão e lenhas, cndo um estabelecimento completo no seu genero, e vendendo sempre aos melhores preços do mercado. Esta importante casa, vai distribuir 22.140\$00 escudos em brindes aos seus compradores de carvão, que assim poderão obter três lindas e valiosas mobilias; cinco maquinas de costura e trinta fogões de cozinha, representando utilissimos brindes que muito beneficiarão os seus frequentes.

Na industria nacional de licores, a fabrica «Esmeralda» é das mais modelares pela sua magnifica organização, propriedade do sr. Antonio Fernandes dos Santos, industrial bastante conhecido da fabricação de licores. Além de muitos licores, rivalizando com os melhores de procedencia estrangeira, salientamos o verdadeiro nectar, pois se pode bem assim chamar o licor de Nossa Senhora do Rosario de Fatima, que tem constituído um verdadeiro sucesso, e do qual já se venderam para cima de 20.000 garrafas. O seu grande êxito justifica-o o ser este licor confeccionado com plantas colhidas no proprio local das aperições da milagrosa Nossa Senhora de Fatima.

A Sociedade de Caldeiraria e Forjas, Limi-

tada, que se encarrega de todos os trabalhos, tais como: reparação de navios, vigamentos, cobertas metalicas e trabalhos em forjas. Foi esta reputada firma a reconstrutora da Ponte da Figueira da Foz, que liga as duas margens.

A firma Henrique Antunes & C.^a, com sede na calçada do Marquês de Abrantes, 23 e 25, é em Portugal a representante exclusiva das correias de pele de camelo marca «Griffin», pelo que a recomendamos aos nossos leitores. Na Rua das Gaivotas, os srs. Salvador Batasta, Limitada, casa importantissima de drogas, tintas e produtos quimicos, bem como fabricantes das conhecidas alvaladas «Galvotas» a melhor marca do mercado.

Moinho André. Este moinho para moer café representa bem pela sua perfeição, a ultima palavra em engenhos deste genero sendo assim o sr. André, seu inventor, um industrial digno dos nossos melhores elogios.

A casa de cereais e legumes dos srs. Sousa & Mota, e que tem armazens no largo do Calvario, comerciantes de notissima honestidade, vêm-se seriamente praticando pelo Lactario que se encontra em frente do seu estabelecimento do largo do Calvario, sendo bem que, em proveito de todos, se lhe pudessem satisfazer o seu justo desejo, mudando este Lactario para outro ponto do mesmo local, isto em vista de haver ali espaço necessario para isso.

Floresta de Alcantara, é bem um dos melhores restaurantes deste bairro e o que mais economicamente vende.

Alberto Augusto Tavares, conhecido comerciante de solas e cabedais e a quem o bairro de Alcantara muito deve.

A firma de cereais A. D. Resina, Limitada, pode-se dizer, sem receio de desmentido, que esta casa marca, definitivamente, no comercio de cereais e legumes, pela maneira das suas transacções.

O sr. Manuel Nunes dos Santos, nome marcante no comercio de viveres e que é proprietario da loja de chá e café da rua da Esperança, 1 a 5.

Uma firma de grande respeitabilidade é a de Evaristo Domingues, Limitada, da Avenida Presidente Wilson, e que são grandes armazens de bacalhau e arroz, fornecendo sempre aos melhores preços da praça, todos os artigos do seu comercio para reenda.

A Pelataria Ideal, que visitamos minuciosamente. Esta magnifica casa, constatando a perfeição dos seus produtos, sendo fornecedora das principais casas do país. Os seus proprietarios, os srs. Martinho & Matos, Limitada, diligenciam sempre em servir a sua numerosa clientela, justificando assim a sua freguesia enorme.

O sr. Caetano J. Santos, com tornearia na travessa do Alecrim, é o mais antigo fabricante deste genero de negocio.

A Empresa Progresso Industrial é uma completa organização de fabrico mecanico de parafusos e que data de 1884, quando foi fundada.

O sr. Antonio Braz é quem possui o maior sortido em louças e vidros, com fabricas de vidros em Oliveira de Azeituns e esmalte em Espinho, tendo varios estabelecimentos espalhados por diversos bairros da capital.

A fabrica de ladrilhos e mosaicos, da firma Ferraz, Limitada, e que nós visitamos, podendo apreciar os modernos modelos para revestimento de mosaicos admiráveis, pela sua beleza e que é a unica no genero no país.

A fabrica de alpargatas de Rosaria Madueño Diaz, é a mais bem apetrechada, com uma grande clientela em todo o país e colonias.

A fundição de ferro e bronze do sr. Bernardino Manuel, que a seu convite visitamos é onde se produzem os bons trabalhos especializando os de caldeiraria.

A Progresso de Alcantara, do sr. J. B. Lopes, L.^{da} é o estabelecimento de foleto e retrozeiro dos mais bem afreguesados do Bairro de Alcantara.

Sociedade Lusitana de Distillação, superiormente dirigido pelo sr. D. José Martorel é uma magnifica instalação no genero e das mais completas do país.

Torrens & Marques Pinto, L.^{da} com importação directa de madeiras, possuindo casas filiais no Brasil.

Um alvitre

Recebemos do sr. José Pereira Mota, conhecido e conceituado comerciante da nossa praça, uma carta, em que este senhor, entre varias considerações que achamos justas, chama a atenção para quem de direito, para o pequeno espaço que tem a Filial da Caixa Geral de Depósitos, na rua do Ouro, o que tem dado azo, a que, além da dificuldades que encontram as pessoas que ali vão tratar dos seus negocios, ainda se cometam roubos, como ainda ha pouco aconteceu ao sr. José Pereira Mota.

Não seria viavel modificar estes serviços, de forma a que a numerosa clientela da Caixa não soffresse destes percalços?

OFICINA DE TORNEIRO DE METAIS

CAETANO J. SANTOS

2—Travessa do Alecrim—4 (Ao fundo da Rua do Alecrim)

Fabrico esmerado de torneiras e valvulas de bronze e todos os artigos proprios para vapor
O MAIS ANTIGO FABRICANTE DE TODOS ESTES ARTIGOS

SERAFIM RAMOS, LIMITADA

FABRICA DE GESSOS

Gessos d'estuque, português, francês e espanhol de superior qualidade, tino especial para trabalhos dentarios e ortopedicos, mate e de pintor.

SÉDE SOCIAL: Rua Caes do Tojo, 71 — FABRICA: Avenida Presidente Wilson, 42 a 58

Endereço Telegrafico: GESSO — Telefone 27028

CALDEIRARIA DE FERRO E COBRE
DE**BERNARDO MANUEL**Construções e reparações de navios, máquinas, movimentos,
caldeiras, tanques, coberturas metálicas, etc., etc.
Serralharia mecânica e civil
Fundição de metais e soldaduras a oxy-acetileneTele { fone 322 BELEM
gramas MABER

Alcantara — Rua da Cosinha Economica, 16 a 28 — LISBOA

HENRIQUE ANTUNES & C.^a

Correias de Couro, Balata, Pêlo de camêlo e Algodão, Ligadores e atilhos para correias. Mangueiras de borracha, Mangueiras de lona. Amiantos e Empanques. Borracha para todas as aplicações. Solas e Tacões de borracha. Desperdícios de algodão para limpeza. Oleos lubrificantes. Pulverizadores para vinhas. Acessórios industriais.

Calçada Marquês de Abrantes, 23 e 25

Telefone 20702

LISBOA

End. Teleg. ASBESTOS

José Dias Sobral, L.^{da}

COM

Armazem de Sola
e Cabedais

RUA DE S. PAULO, 218

TELEF. 2 5903

LISBOA

TORRENS & MARQUES PINTO, L.^{da}

Importação directa

Casas Filiais no Brasil

Madeiras para construções, Mobiliário e Tanoaria. Arco de Ferro para Tanoaria. Contra placagem e Folhas a Cutelo

ESCRITORIO

Rua Vasco da Gama, 33

LISBOA

Tel. 26945 — Teleg. FLORESTAL

DEPOSITO NO POÇO DO BISPO

Rua Fernando Palha, 10

LISBOA

Tel. POÇO DO BISPO, 211

Empresa de Metalurgia Artística, L.^{da}

ANTIGA CASA

GUILHERME MARQUES, L.^{da}

Officinas Metalúrgicas—Telefone 24633

Premiadas na Exposição do Rio de Janeiro com medalha de Ouro e de Bronze, e na Exposição do Porto com medalha de Ouro

Rocha do Conde de Obidos, 20

LISBOA

ANTONIO BRAZ64, Rua do Prior do Crato, 66—94, Rua do Amparo, 96
e Rua dos Remedios, 7 e 9 (Ao Chafariz de Dentro)**BRAZ & BRAZ, L.^{da}**36, Travessa Nova de S. Domingos, 42, 1.^o**ANTONIO BRAZ, L.^{da}**

Rua da Palma, 252 a 254-A — Rua do Bemfornoso, 133-A

Firmas que maior sortido têm em Louças, Vidros, Esmaltes, Talheres e artigos de Fantasia, Colossal sortido em serviços de mesa em faianças e porcelanas, Vidro e Cristal, Serviço para chá e café.

FABRICAS de Vidro, em Oliveira de Azemeis
Esmalte, em Espinho

Telefone 2 3835

Curte, Tinge e Confectiona todas as peles pelos processos mais modernos—Manipulação de pelo para chapéus—Fornecedor das principais casas do país

MARTINHO & MATOS, L.^{da}

FABRICA e ESCRITORIO

Travessa da Trabuçeta, 2, 4 e 6
ALCANTARA (proximo ao quartel dos Marinheiros)

LISBOA

**LOJA CHINEZA**

(Registada)

Especialidade em Chá e Café, Mercarias de 1.^a qualidade por grossa e a retalho.

Mantimentos para navios

Telefone 20868

ALBERTO HENRIQUES DA SILVARua de S. Paulo, 188
LISBOA**ANTONIO R. DA CUNHA**R. de S. Paulo, 150 e 152, 1.^o

COMPLETO SORTIDO DE ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS

Gramofones e todos os seus acessórios

Mobílias — Estofos — Decorações
Importação directa

Telefone 2 2804

LISBOA

FABRICA DE LADRILHOS MOSAICOS
DE**FERRAZ, LTD.**Tubos de grés—Louças Sanitarias—Azulejos, Estatuas
Vasos Cachepots—Barro e tijolo refractario—Cimentos

Os produtos de grés e refractarios têm merecido as mais altas recompensas em todas as exposições a que tem concorrido. São os melhores pela sua resistencia e impermeabilidade

Depositarios das importantes Fabricas de Jeronimo Pereira Campos, Filhos, de Aveiro. Os Grés e os Produtos Refractarios destas Fabricas são os melhores e os unicos em qualidade

21, R. Rodrigues Faria, 25—Alcantara — Telef. 321—Belem
8, R. do Largo do Corpo Santo, 8 — Telef. 22935 — LISBOAFaqueiro, Retrozeiro, Camisaria, Alfaiataria
e Roupas Brancas para Senhora
A Progresso d'Alcantara
de J. B. Lopes, Ltd.Descontos aos revendedores
Preços sem competencia
Sempre novidades1-H, Rua d'Alcantara, 1-I
LISBOA

Armazens de S. Paulo

(Antiga casa MISA COELHO)

Brandão, LimitadaCamisaria, Rouparia e Gravatoria
Modas, Faqueiro e Retrozeiro
Mercador e Alfaiataria

86, Largo de S. Paulo, 88—LISBOA

Telegramas GELL Telefone 2/750
Exportadores de Cera, Cravagem de centelo, Produtos resinosos, etc.**Sociedade Geral de Exportações, Limitada**Import & Export.—Comissões e representações—Produtos químicos para todas as indústrias
Rua do Cais de Santos—Lisboa**Evaristo Domingues, L.^{da}**

Avenida Presidente Wilson, 75 e 77 — LISBOA

TELEFONE 2 4543

Bacalhau Sueco, Islandia e Escocia, Arroz
Veneza, Carolino, Mathe, etc. Sempre
— aos melhores preços do mercado —**FABRICA DE ALPARGATAS E SILENCIOSOS**

DE

ROSARIA MADUENO DIAZ

Rua das Janelas Verdes, 60 a 68 — LISBOA

Telefone: 2 3966

Sucursal: Rua Prior do Crato, 17 — ALCANTARA

Vendas para a provincia e Lisboa

EMPRESA PROGRESSO INDUSTRIAL

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA—ESTABELECEIDA EM 1884

Premiada nas Exposições Industriais: Porto, 1887; Lisboa, 1888 e 1893
Universaes de Paris, 1889 e 1900; S. Miguel, 1901; Rio de Janeiro, 1903FABRICAÇÃO MECANICA de parafusos de toda a especie, porcas, anilhas, rebites,
e capulas, cavilhas, tirefonds, etc.

MATERIAL DE FIXAÇÃO para Caminhos de Ferro, Telegrafos e telefones

ALCANTARA — 23, 25, 25-A, Rua das Fontainhas, 27, 29

Telefone: 238—BELEM—Telegramas: "PREGADURA,"

FABRICAS DE: ALCOOL RECTIFICADO, EXTRA NEUTRO 96.^o
ALCOOL DESNATURADO, AGUARDENTE VINICA 77.^o**SOCIEDADE LUSITANA DE DESTILAÇÃO
E. FONSECA & C.^a**

ESCRITORIOS:

LISBOA

Rua Vitorino Damasio, 26, 1.^o Esq.
Telef.: 27348 — Teleg: D. SNATURADO

PORTO

Rua das Carmelitas, 100, 2.^o
Telefone 1913

DUAS CARTAS CURIOSAS

A musica do bucolismo e a musica da civilização

PORTO, dezembro de 1931.—*Meu caro P. M.*—... O que, porém, na tua carta me revelou o bucolismo verdadeiro, em que vives agora, é o terrapão descoberto da tua nova casa, donde se vê o Campo Grande, onde os pardais chilreiam logo que a manhã desperta, onde se apreciam lindas noites de luar e onde se ouve, ao anoitecer a cantilena dos raios. E, por falares em raios, vou-te contar o que me sucedeu aqui no Porto, com a bucolica cantilena dum grilo.—«O meu quarto fica por cima da cosinha. Não sei como, um grilo da chaminé passou para fora e meteu-se entre a parede e o soco que borda a chaminé ao rez do chão. O que é certo é que uma noite, seriam vinte e quatro horas e quando já estavam todos deitados, nos chegou aos ouvidos o trinar, muito baixinho, dum grilo. Foi uma surpresa agradabilíssima. «Ouviste?»—preguntei a minha mulher.—«Ovi. Que lindo!... Parece que estamos na aldeia». E virámo-nos para o outro lado para ouvir melhor. E o grilo, como se tivesse pressentido o nosso agrado, cantou, cantou, cantou. Pela madrugada, já nós tínhamos passado ligeiramente pelo sono, umas duas ou três vezes, e outras tantas acordados pelo inesperado cantar. E, por isso, já nós dizíamos, sonolentos e estremunhados: «É lindo, mas já se podia calar». E, por fim, lá se calou. De dia, nada. Mas, na noite imediata, apagado o fogão e quando já estavam pegados no sono, aí volta novamente o tenor. Primeiro, uns prelúdios, muito baixinho, imensamente agradáveis; depois, a opera forte e alto. Como ainda não sabíamos o que daí a dias nos esperava, ainda gostamos de ouvir o bicho. Porém, aí pelas duas da madrugada, achan-do que já estava farto de musica e de bucolica, dei duas palmadas fortes no soco da parede. O musico calou-se. E eu e minha mulher adormecemos então tranquilamente, como depois duma boa noite de opera no teatro de S. João. Porém, durou só um momento aquele repouso! E' que, daí a nada, recomeçou a cantiga; e agora subindo gradualmente e cada vez com mais entusiasmo. Novas palmadas no soco. E, com elas, novo silencio e nova esperança de repouso. Mas logo voltou a musica. E agora era um *gri-gri-gri* pegado, monótono, ensurdecador. Dei ao diabo o artista e atirei com uma bota contra o soco da chaminé. Calou-se, um instante. Mas, logo a seguir, voltou. E cada vez mais forte, e cada vez mais impertinente. E eu já bastante aborrecido e a precisar de descanso. Por fim, o descanço já não fazia caso da bota. Puzemo-nos de pé e fomos meter-lhe mato, os dois. Mas a nada o bicho se movia. Como um hercules, senhor da sua força, parecia trocar de nós. Não desanimamos, porém. Minha filha, que dormia num quarto, ao lado, acordou e foi ajudar-nos. Porém... nada!... O canto inquietante, arrelhador, continuava. Depois, uma prima de minha mulher appareceu também, a perguntar o que havia.

—O que ha de ser—respondi—é o grilo que não nos deixa dormir. E, como numa reunião de guerreiros para se discutir o melhor ataque a uma fortaleza, appareceram os conselhos. Com uma seringa de borracha borrfiei um pouco de alcool entre a parede e o soco. Calou-se e esteve sem cantar um grande espaço. Já nos tínhamos metido, de novo, na cama, quando ele volta, mais vivo e mais estridente, na cantiga do costume. Estava a romper o dia quando ele se calou, o que nos permitiu, enfim, alguma descanso. A terceira noite foi uma noite horrivel, em cla-

ro, sem que pudessemos pregar olho. A quarta, idem. E já não havia alcool nem areia fina—uns cinco quilos que lhe dei, por uma fenda, a ver se entupia o esconderijo—nem agua, nem vinagre, nem nada que pudesse espantar este pequenino Nero, cruel, manhoso e que tanto nos incomodava. Eu já andava estonteado com o sono. Minha mulher, o mesmo. A's vezes riamos, um para o outro, da figura que fazíamos, em trajos menores, á cata dum grilo ás quatro ou cinco da madrugada. E ele, o algô, continuamente, sem parar um momento: *Gri-gri-gri—Gri-gri-gri—Gri-gri-gri*. E, por fim, a nossa salvação foi alguém lembrar:

—Os pês de Keating; deitem-lhe os pês de Keating.

Concordei, acudi pela fenda, entre o soco e a parede, uma caixa inteira de pês de Keating. Calou-se, parecendo pedir armistício. E assim foi. Daí a pouco, por um interstício entre o soco e o soalho, veio-me parar aos pês. Até que enfim!... O inimigo, vencido, fugira aos pês e implorava a paz. Eu tinha uma faca de cosinha na mão. Quadro inédito de farsa e de tragedia: uma familia em fralda, ás cinco da manhã, e armada de faca, de seringa de borracha e de pês insecticidas, a fim de ser morto um grilo, um grilinho de lareira, desses grilos brancos que não têm mais dum centimetro ou quinze milímetros de comprimento!... A faca não era, porém, para matar o grilo. Fora unicamente para atacar a areia pela fenda do soco. Mas que fosse para matar o grilo... serva. Mas—justiça é dizê-lo—que pois de quatro noites sem dormir, não pensava já em faca, nem em seringa, nem em pês. Pensava em demolir a chaminé e em arrazar até a casa a dinamite ou com uma peça de artilharia. Oh! o bucolismo e a musica do bucolismo!... Teu velho amigo.—J. M. d'O.

LISBOA, março de 1932.—*Meu caro Oliveira*.—Muito apreciei a tua

carta, de dezembro findo, aquella em que me falas dum importuno grilo e da vitoria que sobre ele alcançaste. Também eu tive, como tu tiveste, uma noite enfiadonha por efeito de musica, não daquela musica que nos vem directamente dos grilos, das aves, dos raios, das cigarras e até dos sapos, e que toda, em conjunto, parece ser um cantico sublime com que a natureza nos embala, mas dessa musica impertinente, caustica, indirecta, comercial que a principio nos era transmitida por toscos aparelhos chamados gramofones, e hoje por caixas de madeira, mais ou menos aperfeiçoadas e a que a civilização dá o nome de grafonolas. Musica encaixotada, ambulante, com cheiro a lucros e a que os pretos chamam, com ironia, «musica de conserva». Mas—justiça é dizê-lo—o que mais indispoê o sentido auditivo não é tanto a qualidade como a quantidade de musica. E' que desde os luxuosos salões até aos negros casebres das serranias, ela canta, guincha, berra, troveja, ri ou chora. E isto porque estas caixinhas, tão facéis de transportar, podem em qualquer local dispensar figurantes para a organização tanto dum solo como duma orquestra. Basta escolher a peça, pôr o disco, dar á manivela e deixar correr. E, porque é musica economica, torna-se universal, cosmopolita. E' mesmo provavel que, no futuro, se veja isto: nos elegantes casamentos, em vez de violino e órgão no côro, uma grafonola a trautear Mozart; e nos pomposos funerais, em vez de «missa de requia», uma grafonola a gemer Chopin. E até nos regimentos da tropa que economia se faria!... Dispondo o regimento de carros de munições, de ferramenta, de saude, da carne, da agua e muitos outros, bem podia também dispôr do carro da musica. Iria á frente, puxado a duas muars; e dentro, uma potentosa grafonola a despejar ordinarios; e assim, sem trinta a quarenta musicos dispendiosos, *nous aurions les petits poillus joyeux*. Mas vamos á

minha noite perdida, como as que tu tiveste com a bucolica do grilo. «Numa radiosa manhã de verão, levantei-me mais cedo, na casa em que agora vivo, mais em contacto com o luar, com as nuvens e com as arvores, e abalei para o coração de Lisboa, a tratar de coisas. Levou-me o electrico até Alcantara; e aí, numa rua pouco concorrida, começou o meu martirio. Dentro duma loja, para a atracção de freguezes, uma grafonola cantava fados, chorosos, melancolicos, muito plangentes. Parti para o Rossio; e, durante o trajecto, que de tristeza senti por aquela musica triste e empregada ali por necessidade da vida!... Chegando ao Largo do Municipio, subi a rua Nova do Almada. E, aí, não era agora uma grafonola humilde, lacrimosa, que se lamentava; era uma grafonola grande, arrogante e que, colocada na janela dum segundo andar, enchia com a sua voz estridente o movimentado Chiado. Subi até á Bertrand. E até ali, naquele pequeno percurso, outra grafonola anunciadora, ainda que mais modesta, me foi fustigar os ouvidos. Voltei para trás e entrei num café. Mal tinha ingerido dois goles do escuro liquido, quando outra «maquina falante» começa, como cega-raga, a vomitar canções. Desci a rua do Carmo e, enquanto descia, ela lá estava a musica encaixotada, dentro de um estabelecimento, como reclame, a lamuriar fadinhos. Cheguei ao Rossio. E aqui é que foram elas!... Parecia que acabava o mundo!...

E' que, enquanto num segundo andar, uma bramante grafonola alter-nava, com um alto-falante anunciador, a sua musica berrante, como que metalizada, no terraço do teatro Garrett outro alto falante dizia, com voz troante, as belezas da peça «Mary Dugan», que ali se representava. Retirei para os Restauradores, a fim de seguir para casa. E até ali, enquanto procurava o electrico, o feio fantasma fatidicamente me foi enervar. E' que uma grafonola dum animatografo proximo rugia, com voz tão forte, que parecia tempestade. Cheguei ao Campo Grande, enfadado e como se uma grande porção de ar sonoro me tivesse sido injectado, com uma enorme seringa, nos ouvidos. E ali como me soube bem, naquela tarde, o meu regresso a casa! Pareceu-me mais cintilante o brilho das estrelas, mais brando o ar que fazia estremecer os arbustos, e até com mais encanto o bravo coaxar das rãs, aqui e alem, num ou noutro charco. Deitei-me e comecei a dormir bem. Mas, em breve, uns sons esquisitos, fortes, inesperados, me foram despertar.

Era' ela, era a terrivel grafonola!... E tive então a impressão de que todas aquellas «maquinas-falantes», que durante o dia ouvira se haviam reunido para traiçoeiramente me perseguirem e vilmente me atormentarem. Mas não foi. Simplesmente o meu vizinho mais proximo fazia anos e pedira uma grafonola para improvisar um baile. E o baile foi estrondoso, com saracoteio ruidoso e «musica de conserva». Fechei as janelas para evitar o ruido. Mas, como o calor era grande, novamente as abri.

E assim estive, acordado, entre o calor e o ruido, até que um ligeiro alvor, no oriente, me anunciou a madrugada.

Foste tu, pois, mais feliz do que eu. Eu só podia dar fim á tormenta com o auxilio da policia, que áquella hora me faltava; enquanto a ti bastou-te uma simples caixa de pês de Keating para venceres, com rapidez, o terrivel inimigo. Sempre ao teu dispôr

PAIS MAMEDE

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
COM O CAPITAL DE ESC. 9.000:000\$00 (OURO)

Direito exclusivo de pesquisa e extracção
de diamantes na Provincia de Angola,
por concessão do respectivo governo

SEDE SOCIAL: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º

Teleg.: DIAMANG

Escritorios em Bruxelas, Londres e Nova York

Presidente do Conselho de Administração
Banco Nacional Ultramarino

Presidente dos Grupos Estrangeiros
Mr. Jean Jadot

REPRESENTAÇÃO E DIRECÇÃO TÉCNICA EM AFRICA

Representante: Coronel Antonio Brandão de Mello

Engenheiro-conultor
Mr. N. T. Dickinson
Lunda

Caixa Postal 347
Teleg.: DIAMANG
Luanda

Director Técnico
Mr. S. T. Kelsey
Lunda

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

SORTES GRANDES?

ó a casa COSTA, LDA. as vende
60 - Rua da Prata - 62

ROYAL-CINE
 Soirée às 21 e 15
 SÓ SUPER-PRODUÇÕES
Com o fogo não se brica...
O SR. DIRECTOR
 Preços Populares

Chá das cinco

Primavera

A Primavera áspera, hostil, fria, não nos deu, até agora, apesar de alguns sorrisos do sol e de algumas flores que vão desabrochando perfumadas — aquela impressão de amenidade, que através das desigualdades próprias da mocidade do ano e da vida, nos marca a doçura de abril, em que desaparecem as rudezas do inverno e em que a natureza se desala em alegrias que parecem comunicar-se a todos os viventes, a anunciar-nos como no antigo rondel de Charles d'Orléans, que uma vez, em ousado desfastio, traduzi:

O tempo deixou o manto
 De chuva, de frio e vento,
 E vestiu-se de espanto,
 De sol, de luz e de encanto.

O tempo, agora, tem espalhado no ar grossas nuvens de trovoadas, com grânizo, e sobretudo um frio que nos faz tiritar, um frio que desmente as branduras do nosso clima. Hoje, o céu, varrido e limpo, parece anunciar melhoria, mas já não há que fiar.

Não há dúvida de que o tempo marca também as desigualdades do período confuso que a humanidade atravessa. Sabe Deus que influencia poderá ter nos habitantes da terra esta alteração das estações. Eu confesso que me sinto como um barómetro, seguindo as evoluções do tempo, na minha disposição física e moral. Na irritação dos que mandam e dos que obedecem, que influencia poderá isso ter? Talvez muito grande. A's vezes parece que recebemos ondas malélicas, e ha quem diga que a T. S. F. perturba a saúde.

MARIA DE CARVALHO

Lanches para casamentos
PÂTISSERIE VERSAILLES

TENTOU SUICIDAR-SE

um tesoureiro de Finanças

Recolheu hoje, em estado grave, ao hospital de S. José, o sr. Henrique Augusto Coelho, tesoureiro de Finanças em Estremoz, que tentou suicidar-se em Borba, com um tiro na cabeça.

Capitolio

TODAS AS NOITES das 21
 às 24,30 horas, por
 3 escudos e entrada
 livre no Parque Mayer

Interessantes espectáculos
 de Cinema e Variedades

HOJE exhibição de empolgante
 drama

A Multidão

Grandioso éxito de LOLITA PEÑA
 formosa bailarina e MARY LIS,
 engraçada comediante

AVISO

Devido ao elevado preço que as super-produções de categoria atingiram, e para fazer face a outros encargos impossíveis de suprimir, a Empresa vê-se obrigada, embora contra vontade, a alterar o preço da entrada para 3500. A Empresa espera que o publico tome em consideração o seu esforço e continue a preferir os espectáculos do CAPITOLIO que, apesar de tudo, continuam a ser ainda os melhores e mais baratos de Lisboa

A Cidade

EM BARATA SALGUEIRO

Panorama da exposição anual que se inaugurou hoje nas Belas Artes

Deve ter sido difícil constituir a 29.ª exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes que, abre hoje, solenemente, as suas portas ao publico. Não por escassez de trabalhos, mas pela sua abundancia, e, sobretudo, pela sua qualidade.

Todo o salão foi revestido de largos e fartos panejamentos azulados, que criam uma doce atmosfera ao visitante, valorizando ao mesmo tempo os trabalhos expostos.

Os velhos continuos da Sociedade apresentam-se, com sumptuosas fardas; ha moveis novos, e de estar, nos salões que cansam, e até aos plintos, destinados á escultura, repetem a cor dominante. Este arranjo supomos ser obra da direcção, que não se poupou a despesas, para renovar o aspecto do certame, dando-lhe uma composição agradável e harmoniosa. E isto valoriza-o, em parte. E' costume de quem escreve estas linhas, antes de entrar na apreciação particular de cada obra, traçar embora sumariamente o panorama geral.

Catalogar as revelações, marcar tendências e classificar os melhores. Forçoso é confessá-lo — este ano esse trabalho quasi se torna inutil. Ha, de facto, e dizemo-lo sem receio de parecermos ridiculos, entre os artistas marcantes, um que confirma o seu poder criador, já entrevisto o ano passado. Mas não é a nós que compete apreciá-lo demoradamente. Mario Augusto, preguiçoso de talento, mantém, em absoluto, o seu lugar. Está lindamente representado. Como paisagista, sem mirabolancias de luz, nem «trucs» a brilhar... falso, é o mais forte que lá está. Sincero, natural, duma técnica admirável, dando, como ninguém, retalhos ingratos de terra, em que ninguém repararia. Varela Aldemira, mestre da pintura, está, notavelmente, representado. E' o artista das cores «esquizes», das «nuances» musicais. O seu pincel adquire cada vez mais beleza, mais sonho. Ha dele um nú feminino que, como modelado e carnação, é o melhor da exposição.

Martinho da Fonseca está em plena vibração de lirismo. Apresenta um só quadro, dum simbolismo gracioso, em que a vida e o amor, na plenitude da beleza, seduzem a retina e sensibilizam a alma. Bonvalot tem um retrato familiar, duma ternura alitante e duma grande expressão de caracteres. Abel Manta, dum modernismo eloquente e forte, figura com três telas dum alto valor plastico. Temos ainda Veloso Salgado, na sua segunda e discutível maneira, e Ortigão Burnay, cujos desenhos, de lampejos dramaticos, lembram muito a escola espanhola. Teodosio Ferreira reaparece, com duas lindas naturezas mortas, de gamas claras, e duma magnifica limpidez. Fernando Santos apresenta um dorso de mulher, que é uma maravilha. Saavedra Machado tem um lindo carvão.

Ha que fixar de novo o seu nome, que andava esquecido, e o de Veiga, um paisagista de larga atmosfera, e execução liberrima, que se impõe, pela sua sinceridade. Do pintor brasileiro Virgílio Mauricio ha um nú muito agradável, que interessa.

Calavina, um estrangeiro, enviou á exposição um magnifico retrato, de boa expressão. Destacamos ainda, na pintura, um discípulo da Sociedade Nacional de Belas Artes, com três paisagens, dum colorido brilhante; Alda Machado Santos, com umas naturezas mortas, lindamente tocadas, e outra senhora, Eduardo Lapa, cujas flores têm vibração e perfume. A seu lado Filomena de Freitas, com uma tela repassa de ternura e de sofrimento.

Na escultura, apenas uma estatua — o escravo, que partiu as algemas, cheio de grandeza e de sofrimento; um «estudo», e de Simões, Sobrinho, que é um primor de técnica, e deliciosos apontamentos de animais, de Julio Silva, revestidos de elegancias e de movimento.

A. P.

A inauguração oficial

Esta tarde, ás 15 horas, com a assistência do Presidente da Republica, chefe do governo, ministros e outras entidades oficiais, inaugurou-se, solenemente, a 29.ª exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes.

O sr. general Carmona, que era esperado á entrada do edificio pela direcção da Sociedade, percorreu demoradamente a exposição, admirando os trabalhos e tendo palavras de incitamento para os artistas.

O chefe do Estado manifestou o desejo de conhecer o pintor Severo Portela, a quem dirigiu calorosas felicitações.

Para o Museu de Arte Contemporanea foram adquiridas, entre as obras expostas na Sociedade de Belas Artes, a tela «1860», de Severo Portela Junior, e «Uma rua do Porto», de Ortigão Burnay. O Premio Rocha Cabral, destinado ao melhor trabalho de composição, foi atribuido ao quadro «Emigrantes», também de Severo Portela Junior pintor de forte temperamento, que já anteriormente revelara a sua poderosa garra artistica e agora obteve a justa consagração oficial, aliada a um éxito de critica e de publico que o coloca na primeira fila da pintura portuguesa.

O tratado de arbitragem entre Portugal e a França

Foi hoje publicada no «Diário do Governo» a carta de confirmação e ratificação, do tratado de arbitragem e conciliação, recentemente celebrado entre o nosso país e a França. O importante documento é assinado pelo falecido ministro francês Aristides Briand e pelo ministro de Portugal em Paris, comandante Armando Ochoa.

No SÃO LUIZ TRADER HORN

Revela-nos a Africa com as suas lutas, os seus misterios
 as suas tribus canibais e as suas paisagens esplendorosas

CONDES

Retumbante éxito da mais engraçadíssima comédia de ANY ONDRA

Anny no Paraíso

Casos do dia

Um choque de veiculos no Campo Grande

Hoje, pelas 6 horas, quando vinha de Loures, conduzindo algumas pessoas que tinham ido assistir a uma festa, um automovel chocou violentamente com uma carroça, na rua ocidental do Campo Grande.

Ficaram feridos, sendo imediatamente transportados num outro ao hospital de S. José, o «chauffeur» do carro sinistrado, João Pinto Coelho, João de Azevedo Rebordão, sapateiro; João Fortes, engraxador, e Raul Gomes da Silva, pintor, que recolheu em estado grave á sala de observações, devido aos ferimentos que recebeu na cabeça.

Apenas dois passageiros ficaram ilesoes. O carroceiro e o seu veiculo desapareceram logo após o choque.

Agressão misteriosa que deixa um homem cego

COIMBRA, 7 (Pelo telefone). — Em Cerro Ventoso foi alvejado, com um tiro de arma caçadeira, a noite passada, o comerciante Manuel Afonso Gonçalves, de 33 anos, que recolheu ao hospital desta cidade. A carga da espingarda alojou-se-lhe no rosto, vazando-lhe os olhos. Presume-se que o autor da agressão tivesse sido um seu vizinho, também comerciante, com quem andava de rixa.

Um guarda florestal condenado

Foi julgado e condenado no Tribunal das Transgressões de Lisboa, Alfredo Mendes, encarregado da reparação da estrada de Cascais ao Guincho, por ofensa do regime florestal, na Quinta da Marinha, no dia 12 de outubro do ano findo, caso que foi muito discutido em Cascais, pelas circunstâncias em que se deu.

CONFERENCIAS

O antigo ministro do Comercio sr. tenente-coronel Carvalho Teixeira, presidente da assembleia geral do Gremio de Traz-os-Montes, realizou depois de amanhã na sede daquela colectividade uma curiosa conferencia na qual exporá as suas impressões de «Um circuito de turismo em Traz-os-Montes».

Falará sobre as principais cidades do norte, seus monumentos e costumes, panoramas transmontanos, comercio e industria e produção agricola.

O sr. tenente-coronel Carvalho Teixeira falará ainda sobre os mais importantes factos historicos que illustram as cidades do norte, terminando por dissertar sobre «A voz das montanhas de Traz-os-Montes. Qualidades e tradições da gente transmontana».

Seguir-se-á um baile, para o qual estão distribuidos numerosos convites.

Com o fim de semana, que se aproxima tem recrudescido o interesse pela conferencia que no sabado realiza no Nacional o illustre medico dr. Carlos Santos Filho, sobre «Musica do Espírito-Musica de Palácio-Musica dos Olhos».

Esta 2.ª conferencia da serie organizada pelos artistas Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro vai de novo chamar a elegante teatros do Rossio as figuras mais marcantes da nossa primeira sociedade.

A conferencia será illustrada ao piano, por D. Regina acaas consagrada pianista e começará ás cinco e meia da tarde.

Amanhã sexta-feira pelas 21 horas prefixas, realiza o sr. tenente Eduardo Faria, na sede da Sociedade Promotora de Educação Popular uma conferencia subordinada ao tema «O 9 de Abril» que a ommissão Cultural organizou para focar o elevado esforço da raça na Guerra Mundial.

A entrada é publica.

A proxima Conferencia a realizar na sede do Sindicato dos Profissionais da Imprensa é feita pelo sr. dr. Lino Franco, illustre advogado, que falará sobre «Politica Internacional» versando assuntos que estão lá fora na ordem do dia.

A conferencia é na segunda-feira, ás 21 horas.

Continuando a serie sobre Historia da Civilização, o sr. dr. Domingos Monteiro realizará amanhã, ás 21 e 30, na Universidade Popular Portuguesa, rua Luiz Dourado, uma conferencia subordinada ao tema «Cristo na Historia da Civilização». A entrada é livre.

No Instituto Rocha Cabral realiza-se hoje, pelas 21 horas, a conferencia do sr. dr. Joaquim Fontes, intitulada «Hormonas femininas». A entrada é publica.

PETROLEO HAHN
 contra a queda do cabelo

Dr. Albino Pacheco
 consultas das 16 ás 19
 R. Nova da Trindade, 9

SUM O melhor
limpa metaes

A Cidade

Funeraes e trasladações
Preços reduzidos
Chamadas a qualquer hora pelo telefo-
ne 4661 Norte.
CASTANHEIRA & MENDONÇA
Avenida Luiz Bivar, 10

UM CRIME

Descobriu-se o homem que matou o marido da amante

Ha dias foi encontrado dentro de um poço da quinta da Ladeira, um individuo de nome Duarte Custodio Nunes. Atribuiu-se a morte a suicidio. Feita a autopsia ao cadaver, no Instituto de Medicina Legal, os peritos averiguaram que não se tratava de um suicidio, mas sim, dum estrangulamento. Entregues as investigações ao agente Baldy Belem, este iniciou as necessarias pesquisas para a descoberta do autor do crime. E, assim, intimou varias pessoas a comparecerem hoje no Toren, entre as quaes a viuva da vitima, Judite Rosado Caeiro, de 24 anos, residente na quinta da Ladeira. Depois de largamente interrogada, a Judite declarou que seu marido lhe dava frequentes maus tratos, chegando a obrigá-la a pedir esmola para sustentar os seus dois filhos, dois pequenitos de 4 e 6 anos.

Como o marido não trabalhava, e ainda vivia á custa do trabalho dela, a pobre mulher mal arranjava dinheiro para dar de comer a seus filhos. Até que ha cerca de um ano appareceu-lhe o cauteleiro José Ferreira Tarré a fazer-lhe a corte. A principio não lhe deu ouvidos, chegando até a pôr o marido ao corrente do que se passava.

Este deu-lhe de conselho que aceitasse os seus galanteios, o que ela fez. Como a sua vida de martirio e de miseria continuasse, o cauteleiro José Nunes Tarré convidou-a a abandonar o domicilio conjugal. Ela, porém, hesitou em o fazer. Até que ha tempos o Tarré disse-lhe que a unica forma de acabar com aquele martirio era matar o marido. E se bem o pensou, assim o fez. Ha cerca de vinte dias, quando o Duarte Custodio Nunes se dirigia para casa, cerca da uma hora, o Tarré vibrou-lhe uma forte pancada no ombro com um ferro de que estava munido e que o prostrou. Em seguida, passou-lhe em volta do pescoço um cinto de correia, causando-lhe a morte por estrangulamento. Dirigiu-se depois a casa da vitima a participar á mulher que já o tinha matado.

Pediu-lhe então uma saca para meter o cadaver, a fim de o deitar dentro do poço. E como ela a não tivesse, despejou o enxergão em que dormiam os pequenitos e foi dentro dele que o corpo baixou á improvisada sepultura.

Resta acrescentar que o Tarré ameaçou a amante de lhe fazer o mesmo se o denunciasse á Policia.

Decretos e nomeações

No «Diário do Governo» de hoje foram publicadas as portarias que nomeiam os srs. engenheiros Xavier Cordeiro secretario do ministro das Colonias e o alferes Afonso Anta commissario da Policia de Segurança Publica de Lisboa e que exonera o sr. dr. Vasco de Santa Rita, do cargo de adjunto da Policia Internacional.

A folha official publica tambem a nomeação do secretario da Legação de Portugal em Berlim, sr. Armando Simões, para representar o nosso país na conferencia dos directores das Repartições Officiaes de Imprensa, em Copenhagenague.

Pelo ministro do Comercio foi nomeado o vice-almirante sr. Guilherme Howell, para o cargo de presidente do conselho de administração dos portos do Douro e Leixões.

Lisboa só tem uma revista
PIM! PAM! PUM!

No
VARIEDADES

e esta é uma autentica fabrica de en-
cheutes e uma maravilha!

UM CONFLITO FALADO

EVA STACHINO CONTA-NOS COMO SE PASSOU E POR QUE SE PASSOU

a cena com Zulmira Miranda

Afinal, o conflito que se deu no Porto entre as actrizes Eva Stachino e Zulmira Miranda reduziu-se a uma simples cena de pugilato, sem emprego de qualquer instrumento de agressão...

Eva Stachino, acompanhada por seu filho, um jovem de nacionalidade norte-americana, chegou ontem á noite, desembarcando em Entre-Campos, onde a aguardava o empresario José Loureiro.

Quando hoje a procurámos, a irrequiza «Catarina», que tão depressa se popularizou em Lisboa, não parecia a mesma. E não admira. Eva Stachino está sucumbida com a celeuma que se levantou á volta do seu caso. Alguns jornais publicaram reportagens «á sensation», em que Eva era accusada de ter retalhado a cara á sua colega Zulmira Miranda, com uma tesoura ou qualquer outro instrumento cortante. As autoridades julgaram que estava ali uma criminosa de cuidado, e de quem era necessario arrancar importantes segredos, e por isso a conservaram incomunicavel durante dois dias. Essa situação só terminou quando a Justiça tomou conta do caso. Finalmente, por dificuldades de prestação da fiança, teve de recolher á cadeia reservada aos criminosos comuns, até que o jornalista Lopes Vieira, conseguiu que o seu companheiro Viterbo a afiançasse. E afinal...

Juro-lhe que é falso o que se disse. Não me servi de tesoura, le lamina, de estilete, ou de qualquer outro instrumento. Os ferimentos que Zulmira Miranda recebeu fi-las apenas com as unhas, no estado de exaltação justificada em que me encontrava. E ela sabe bem que foi com as unhas. Mas era preciso estragar-me a vida, tentar fazer com que eu não pudesse ir ao Brasil e reduzir-me a uma miseria ainda maior do que aquela em que me encontro... Por isso se inventou a lenda das tesouradas e das facadas — porque foi assim que alguns jornais brasileiros deram as noticias telegraficas... — e se arranjou uma incomunicabilidade de dois dias, para que eu não pudesse dizer ao publico que estava sendo vitima duma farsa...

Eva Stachino não pode conter uma convulsão de choro, ao recordar o que lhe fizeram. E nós preguntámos-lhe qual foi a causa inicial do conflito:

— A actriz Zulmira Miranda mandou-nos dizer um dia, á ultima hora, que estava doente e não podia trabalhar. Como não tinha quem a substituisse, tive eu de fazer, contrariadissima, um dos seus papeis na revista «Ai-ló!». Dois dias depois, como Adeline Forte se oferecesse para a substituir, cedi-lhe gostosamente o lugar. Pois, ao sabê-lo, Zulmira Miranda mandou immediatamente buscar as chinelas com que fazia o «numero».

A VIAGEM MINISTERIAL às colonias da Africa

Foi hoje publicado na folha official o decreto que autoriza a visita do sr. dr. Armindo Monteiro ás colonias da Africa.

Nesse diploma definem-se os intuitos da viagem e os seus objectivos, bem como os trabalhos que o ministro vai realizar e aos quaes já tivemos occasião de nos referir.

O decreto determina ainda que nas feiras de amostras a inaugurar por essa occasião em Luanda e Lourenço Marques, se encontrem «stands» de productos industriais da metropole que interessem ás colonias, de materias primas coloniais utilizaveis na metropole e um especialmente dedicado ao livro e imprensa das colonias e da metropole.

Haverá tambem conferencias commerciaes, devendo as despesas com estas e com as feiras ser custeadas pelo governo metropolitano.

Ao fim de cinco dias apresentou-se para trabalhar. Mas, como alegasse que estava com anginas, e eu soubesse que a tinham visto em pandegas, de automovel, durante essas noites, resolvi não lhe pagar, afixando a respectiva tabela que tambem dizia respeito a uma corista nas mesmas condições. Desde esse dia em diante, Zulmira Miranda, com outras duas artistas da companhia, passou a envenenar-me a existencia, fazendo-me toda a especie de partidas e desconsiderações, de que tambem partilhava a actriz Lina Demmel.

— Não houve qualquer incidente, antes da cena de pugilato?

— Não, porque eu, conhecendo as minhas responsabilidades de directora, e não querendo dificultar ainda mais a minha vida, resolvi dominar os meus nervos e suportar tudo com resignação cristã.

— Até que...

— Até que veio o ensaio geral do «Vamos ao Vira!». E eu vi Zulmira Miranda, «arranchar á má-língua» com um critico dum jornal do Porto que no dia seguinte me desancava, a mim e a toda a Companhia, excepto á trindade de que já lhe falei. Pois na mesma noite lá estava o critico, de grande galhofa com Zulmira Miranda, que continuava a fazer-me as maiores desconsiderações. Depois, appareceu num semanario um novo ataque, inspirado nas mesmas fontes. E eu — que até ali conseguira a custo dominar os meus nervos, não pude mais. Entrei no camarim de Zulmira Miranda e dirigi-me a ela. E ainda não dissêra nada, quando ela me gritou: — «Olhe que não fui eu!». Se não lhe dissêra coisa alguma, esta exclamação ainda me convenceu mais da verdade de que a campanha feita contra mim e contra a Companhia, os ataques na Imprensa, as patetadas, o ruido durante a representação, eram tudo obra principalmente de Zulmira Miranda. Não me contive e atirei-me a ela, arranhando-a na cara, com estas unhas. Como vê, até parti uma...

E mostrou-nos as unhas afiadas e duras, que appareceram em publico transformadas em metalico instrumento dum «homicidio frustrado»...

— O que tenciona fazer agora?

— Procurar o sr. Inspector Geral dos Espectaculos, que é uma pessoa justa e desapaixonada, e demonstrar-lhe que em toda esta embrolhada só houve uma vitima: fui eu.

— E quais são os seus desejos?

— Os meus desejos? Quais podem ser eles senão ir ao Brasil, cumprir o contrato que firmei? Até ali chegou a intriga, em telegramas que me apresentaram ao publico como uma fa-
quista!...

O Santo Condestavel vai ter uma avenida em Lisboa

Sob a presidencia do sr. coronel Costa Macedo, reuniu esta tarde a comissão administrativa da Camara Municipal, tendo tomado, entre outras resoluções, a de dar á avenida 24 de Julho o nome de Nun'Alvares, em homenagem ao Santo Condestavel.

FESTA ESCOLAR

No proximo dia 10 de abril, domingo, pelas 15 horas, realiza-se, sob a presidencia do Chefe do Estado, a festa da distribuição dos premios, no Asilo-Escola Antonio Feliciano de Castilho.

TURISMO

A conferencia do sr. Roque da Fonseca no Automovel Clube

E' aguardada com muito interesse a conferencia que, sob a presidencia do Chefe do Estado, realizará hoje, ás 21 e 30, no Automovel Clube de Portugal, o sr. Joaquim Roque da Fonseca, director da Associação Co-



ROQUE DA FONSECA

mercial e membro das Comissões de Turismo daquele Clube e do ministerio dos Negocios Estrangeiros. O tema dessa conferencia é: «Portugal, país de Turismo».

— O objectivo do meu trabalho — disse-nos esta tarde o sr. Roque da Fonseca — é interessar o Estado e duma maneira geral todos os portugueses, para que se enfrente, deliberadamente, o problema do Turismo, porventura aquele que mais podia contribuir para uma brilhante situação economica e financeira — e que nunca foi encarado a sério no nosso país. E, contudo, Portugal é uma das nações da Europa que, pela sua situação geografica, pelo seu clima unico, pelas suas extraordinarias belezas, se encontra admiravelmente dotada para ser um grande país de Turismo.

A conferencia divide-se em quatro partes:

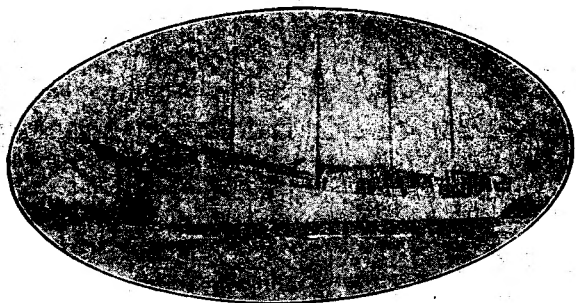
— Na primeira occupar-me-hei das magnificas qualidades turisticas do nosso país, das suas belezas naturais e artisticas, do seu clima. Será a descrição da viagem ideal para o turista que desembarque em Lisboa, com o fim de conhecer a nossa terra. Occupar-me-hei das nossas cidades, das serras, das praias, das estações termas que superam as mais afamadas do estrangeiro, dos nossos monumentos, do nosso clima inigualavel. Na segunda parte, estudarei como encara o estrangeiro o problema do Turismo: o exemplo da França, da Italia e da Suiza. Na impossibilidade de me deter na análise do que sobre Turismo têm feito outros países, entre eles a Alemanha, a Holanda e a Espanha, analisarei apenas a obra realizada pelos três países mestres na materia. Na terceira parte, occupar-me-hei dos aspectos economicos do Turismo, mostrando que é necessario organizá-lo em bases racionais e efficientes. Demonstrarei, com algarismos, como o Turismo poderá ser extraordinariamente rendoso, para o nosso país, concluindo que o «déficit» da nossa balança comercial será largamente compensado, quando Portugal tiver o desenvolvimento turistico que merece. Referir-me-hei, tambem, á necessidade de provocar o turismo para nacionais, preconizando uma reorganização no organismo superior de Turismo, de que é indispensavel que façam parte, como succede em todos os organismos similares do estrangeiro, representantes das forças vitais do país. Na ultima parte, direi a minha opinião sobre o que é necessario fazer para que Portugal seja um país de turismo.

EXERCITO E MARINHA

Os soldados estudantes do regimento de infantaria 1, que se encontram com licença para estudos, devem comparecer no quartel daquela unidade para prestarem esclarecimentos.

Companhia Açoreana Navegação Navio-Motor L.^a

Serviço de regular cabotagem com transbordo para Ilhas



Escala pelos Portos do Rio Douro, Viana do Castelo, Setubal e Faro

Recebendo cargas em tarifas ordinarias e de domicilio a domicilio.

Prestam-se todos os esclarecimentos nos escritórios da Companhia Rua Augusta, 75, 1.º, Esq.—Telefone 24888.

Serralharia Artística

— DE —

Vicente Joaquim Esteves

Trabalhos artisticos em ferro forjado martelados modernos, Casas fortes, cofres e portas á prova de fogo — Construções e montagem de vigamentos e coberturas metalicas — Frentes para estabelecimentos, gradeamentos, portões, etc — Portas de chapa ondulada — Fogões circulares de todas as dimensões — Ferragens para construção civil.

88 — Rua das Amoreiras — 92

Tel. Norte 1412 - Lisboa

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

Territorio de Manica e Sofala—Africa Oriental Portuguesa
Capital — Beira Extensão: 13.483.200 hectares

Uma das regiões do continente africano mais férteis sob o ponto de vista agrícola e ricas sob o ponto de vista mineiro.

PARA INFORMAÇÕES

EM LISBOA
Largo da Biblioteca Publica, 10,
Séde da Companhia

NA BEIRA
Secretaria Geral
do Governo do Territorio

Sortes grandes ?

só a casa COSTA, LDA. as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77



D. Maria Teresa Pinto de Magalhães Arroyo

FALECEU

Confortada com os Sacramentos da Igreja

Elisa Emilia Pinto de Magalhães, João Bentes Castel'Branco, Antonio Arroyo, participam aos demais parentes, pessoas das suas relações e amizade, o falecimento de sua irmã e cunhada, devendo o seu funeral realizar-se amanhã, pelas 14 horas, da sua residência, Rua Braancamp, 84, 2.º D., para o Cemiterio Oriental.

Armador Antonio P. Lopes

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Repartição de Reclamações e Leilões
SERVIÇO DO MOVIMENTO

Em 25 do corrente e dias seguintes, ás 11 horas na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Publico A n.º 134 de 25 de Julho de 1927, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despesas Accessorias, proceder-se-á á venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avizam-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirar-lhes, pagando o seu débito á Companhia, pelo que terão de dirigir-se ao Serviço do Movimento, Repartição de Reclamações e Leilões na estação do Cais dos Soldados, todos os dias uteis até 23 do corrente das 10 ás 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazem situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apolinia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 5 de Abril de 1932

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Excursões em grupo á Serra da Estrela, pela Covilhã

Tendo a Comissão Iniciativa da Covilhã participado que caiu um grande nevão, estando outra vez a Serra coberta de neve, avisa-se o publico que no Escritorio de Informações desta Companhia Estação do Rossio, 1.º andar—está aberta a inscrição para uma excursão a partir no proximo sabado, dia 9—nas condições annunciadas no cartaz e folhetos respectivos.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO

Horario do «Sud-Express» para o Estoril
Por motivo da alteração da hora legal e da substituição do comboio n.º 54 pelo n.º 1054, a partir de 3 de Abril proximo e até 22 de Maio de 1932, a ligação para Estoril do comboio n.º 1054 (Sud-Express) é a seguinte:

Estações: Campolide, partida ás 19.04; Alcantara-Mar, chegada ás 19.17.—Alcantara-Mar, partida ás 19.45; Estoril, chegada ás 20.11.
Lisboa, 30 de Março de 1932.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita



RAPOSAS ARGENTÉS e OUTRAS

MUITAS GRAVATAS em varias cores

O proprietario da Pelaria Confiança previne V. Ex.ª de que não deve comprar estes artigos sem fazer um confronto na

Pelaria Confiança—3, Rua da Palma, 3-A—Telefone 2 8157

GRANDES ARMAZENS BARROCA

IVO DOS SANTOS BARROCA, SUC.

Variado sortimento de mobílias em todos os estilos, para salas de visitas, casas de jantar, escritorios, quartos de cama e de toilettes, etc. **Decorações:** Sortido completo em tecidos, cortinados, tapetes, carpetes, passadeiras, oleados, etc.

GRANDE SORTIDO DE MOVEIS USADOS PROVENIENTES DE TROÇAS

Redução excepcional de preços

31-35, Rua da Atalaia, 39-43

Entrada pelo n.º 35—Telefone 2 1666

Empresa Electrica, Lt.^{da}

ESTORIL—Grande Parque do Estoril. Telefone, 90.

SINTRA—Telefone, 28.

LISBOA—Rua da Prata, 120-122. Telefone 2 5359.

LISBOA—Officinas: Largo de Santa Marinha, 26.

ELECTRICIDADE

Instalações completas. Lustres em todos os estilos. Placas e Plafoniers. Telefones, Para-Raios, Ventoinhas, Motores, Bombas e material electrico

MATERIAL SANITARIO

Encanamentos para agua, gás, aquecimento central, montagens completas para casas de banho, artigos para Consultorios e Laboratorios

Reparações em aparelhos electricos

Orçamentos e desenhos

ARMAZEM DE MOVEIS DO CALHARIZ

de Paixão, Carvalho, L.^{da}

MOVEIS, ESTOFOS E DECORAÇÕES

OLEADOS, CARPETES E PASSADEIRAS

Especialidade em mapas genero inglês e americano

L. DO CALHARIZ, 26-27-28

LISBOA

Telefone 805-Trindade

Especialidade em mobiliario de escritorio genero americano

ASFALTO
de aplicação a frio



Emulsão aquosa de Asfalto puro

Impermeabilização e Isolamento de terraços e cimento armado. Revestimento e protecção de superficies e construcções metalicas, canalisações, algeirozes, etc. Impermeabilização de represas, canaes, tanques, poços e paredes húmidas

Distribuidores:

BETHENCOURT BROS. LTD.

Praça do Municipio, 13 — LISBOA

Agencia no Norte:

SORIA, LDA.

Rua Ferreira Borges, 9 — PORTO

LIVROS DE VIAGENS

Um excerto de "O caminho do Oriente"

do comandante Jaime do Inso

Do curioso livro do comandante Jaime do Inso, "O caminho do Oriente", a que o nosso jornal já fez as devidas referências, transcrevemos um dos mais interessantes capítulos intitulado "Os amores de Rodolfo":

Rodolfo, naquele ambiente solitário e estranho da casa onde vivia, a S. Lourenço, tinha acabado de jantar, e deixara-se ficar á mesa.

Os seus dois amigos, Frazão e o dr. Lemos, haviam saído logo após o café para uma reunião no Gremio Militar, e Rodolfo encontrava-se sózinho.

A "ama", não era gente, era uma sambrã que deslizava pela casa, sem ruído.

Rodolfo quedou-se, por entre o fumo do cigarro, a dar balanço á vida, e encontrou mais um valor no seu activo — o amor de Tininha.

Cismava; os cigarros iam-se uns atrás dos outros á vista dos Budas enigmáticos dos esgares dos dragões.

A luz velada, vermelha, espalhava um tom de sangue sobre os pratos amarelos com caracteres enormes e extravagantes, e a atmosfera da China, indecifrável, misteriosa e opressa, estava ali, penetrando-lhe os sentidos, avivando-lhe a emoção, como que sugereando-o a uma prova, uma iniciação...

Cismava, e na solidão da noite fôram-se ouvindo uns sons mal distintos de instrumentos que se aproximavam, até que, já mais perto, se distinguiram bem as notas feridas nas cordas, pelos cegos.

A musica dos cegos!

Musica barbara mas sentimental, feita de sons de tortura e arrancos de dor, ao pé da qual o mais triste dos nossos fados não passa de um canto de alegria!

A musica dos cegos!

Notas que dilaceram, que acabrunham e fazem vibrar os nervos em estranhas contorsões — aquele hino de aniquilamento pela dor, martirio que, gôta a gôta, se introduz e pulveriza a nossa sensibilidade, — teve a inevitável repercussão no espirito de Rodolfo.

Os Budas riam, os pratos oscilavam, e um brilho estranho saía pelos olhos dos monstros-serpentes que apagavam a outra luz...

E Rodolfo, dominando a perturbação, levantou-se e chamou:

— A-Cam! — e a "ama" appareceu, o olhar interrogativo.

— Toma, dá estes "avos" aos cegos, e que se calem, que vão para longe daqui!

A-Cam ouviu, aceitou o dinheiro e, sem pestanejar, foi no mesmo ritmo a caminho da rua.

E não se ouviram mais aquelas notas doloridas, torturantes, de sangue a gotejar...

Rodolfo sentia-se feliz.

Era aquela vida que lhe agradava, livre, sem cuidados, aspirando a plenos pulmões aquele encantamento da China...

Trocando as pernas, acendeu outro cigarro, enquanto o carro, impellido pelo "cule" folgado, ia pela frente de um escuro "Cou-Lau" de taboetas e lanternas iluminadas, passando a seguir pelo velho Seminario de S. José de onde saíram tantos dos nossos missionários que evangelizaram na China e, correndo sempre, embrenhou-se no dedalo das ruas do Bazar, de lojas cheias de indiscretíveis mercadorias, até que alcançou a rua da Felicidade onde, ao fundo, brilhavam as fronteiras do "Fan-Tan" iluminadas até aos telhados.

No "Ka-Pan Hotel" tocava uma musica infernal, e as lojas reverberavam claridade por todos os lados, naquela adoração da luz que distingue os chineses.

O "cule", de pernas possantes, não abrandava na carreira e, mantendo-se no mesmo trote largo, foi galgando, ligeiro, pela rua do Hospital, passou a frontaria de varandas largas de uma rica casa china ostentando os típicos vasos de flores e alcançou, num contraste brusco, outro bairro mergulhado no mais bucolico sossego.

Corria na alameda da Avenida Vasco da Gama e as pégadas ressoavam no alfalfo com um som cavo.

Rodolfo ia apreciando intimamente aqueles aspectos tão variados e singulares que oferece Macau, e as rodas do carro, ao deslizarem no pavimento, ouviam-se como um ciclar naquella silencio recoberto por uma abóbada de folhagem.

Passou o Tap-Seac e, sob o facho vigilante do farol da Guia, erguido no topo da colina, e que foi o primeiro acesso nas costas da China, apeou-se junto de uma vivenda onde a luz e os sons eram as unicas notas a perturbar a solidão da noite envolta em sombras.

Os donos da casa eram uns verdadeiros epicuristas; em todas as salas havia luz que saía de lanternas exóticas, coloridas, como exóticos eram os moveis e as decorações.

Porcelanas, quadros, mesas, panos, tapetes, bronzes, marfins, "bibelots", relógios, tudo ali se arrumava com gosto e arte numa exhibição de museu que agradava ver.

Havia varias mesas de "ma-chóc" e, numa delas, jogava Tininha tendo como parceiros, Rodolfo, Madame Zita, insinuante, espirituosa, indispensavel para animar uma sala, e o tenente Reboredo que, lançando de vez em quando olhares para outro lado, não cessava de esgrimir epigramas com ela, sem que, contudo, levasse sempre a melhor.

A um canto, e afastado das mesas de jogo, um grupo de raparigas macaenses, entre as quais a bela Elvira, iam cochichando em segredo:

— Aquele, já foi sorteado e deu a sorte grande! — disse Nina.

— Até ao lavar dos cestos é vindima! — respondeu Elvira.

— Talvez o quizessem tirar á Tininha!

— Olha que sensaboria para sua Excelencia!

— E' uma pena o Reboredo ser casado, ele olha tanto para ti!

— Mesmo que não fôsse, não me servia!

— Bem, vamos nós agora jogar — interrompeu uma jovem viúvina, com olhar malicioso, e que até ali se conservara calada.

Na mesa de Tininha tinham-se levantado.

— Então, senhor tenente, já vou sabendo jogar alguma coisa, não é verdade? — perguntou Tininha.

— Não admira, com um mestre tão dedicado... — respondeu o tenente Reboredo.

— Engana-se — interrompeu Rodolfo — eu mal me entendo ainda com estes enigmáticos caracteres que as pedras têm...

— Pois sim, quando a fortuna nos favorece, tudo se consegue... — continuou o tenente, dirigindo-se intencionalmente para Elvira.

JAYME PINTO

**Chapeos, Novidades
modelos Parisienses**

R. Aurea, 259

Telef. 2 6025

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

— O melhor café é o do "La Gaieté", do Largo D. João da Camara.

No Coliseu

Uma formidável reunião de box

Que revelação nos trará a sessão de box que se vai realizar no Coliseu no proximo sabado? E' uma pergunta que anda no espirito de todos os amadores e apreciadores dos espectaculos de pugilismo, em face dos nomes já annunciados.

Francisco Brito, o ex-campeão de Portugal dos meios leves, como se haverá com Lagarre, campeão da Andaluzia? E Francisco Mexé, o treinador de Santa Camarão, com Sálem, o campeão de Marrocos? E José de Oliveira, o actual campeão de Portugal dos meios leves, como se irá defrontar com Manuel Dominguez, campeão da Andaluzia dos meios leves?

Só os combates poderão dar resposta a estas perguntas e isso explica a ansiedade do publico pelo proximo sabado.

Da mesma reunião de box fazem parte os amadores Aluisio Falcão e Eugénio Pereira que terão respectivamente por adversarios Alberto Afonso e Belmiro Claro.

Os combates de profissionais serão de 10 rounds com luvas de 4 onças; e os de amadores, de 4 rounds com luvas de 6 onças. Borges de Castro arbitrarão.

Preços: Frizas e Camarotes de 1.40\$; Camarotes de 2.30\$00 e 20\$00; Fauteuils 12\$00, 10\$00 e 8\$00; Geral reservada 5\$; Geral 4\$00.

Tauromaquia

Os touros de Emilio Infante oferecerão no domingo a "Armillita" e aos Veigas ensejo de brilharem?

O sr. dr. Emilio Infante da Camara e seu irmão criam e apuram touros com inegavel "aficion", e contam por enormes triunfos a maioria dos seus curros lidados. Por isso se pode responder afirmativamente á pergunta que anda em todas as bocas aficionadas: "se os touros de Emilio darão, no domingo, aos Veigas e a "Armillita", ensejo de brilharem". O famoso "espada", mexicano traz os seus picadores, pelo que o veremos não só nos seus colossais pares de bandarilhas como no repertorio que possui de quites vistosos e elegantes. "Armillita", foi — devem os aficionados recordar-se — um dos "espadas", da famosa corrida á espanhola, realizada ha anos em Vila Franca.

Abre amanhã, sexta-feira, a bilheteira dos Restauradores.

AS FESTAS DE DOMINGO

no Parque Mayer

oferecem um grande interesse

As festas organizadas pelo "Tostão Teatral" devem marcar pelo seu brilhantismo. O general-comandante da Guarda Republicana acedeu muito gostosamente ao pedido feito pela comissão para que a Banda tomasse parte, realizando um concerto sob a regencia do maestro Fernandes Fão, no Pavilhão Português, com um excelente programa.

A illustre actriz Palmira Bastos dignou-se aceitar o convite para inaugurar a feira dos artistas, conjuntamente as entidades officiais. Deram tambem a sua colaboração as artistas Maria Matos, Maria Brandão, Beatriz Costa, Maria Brazão, Corina Freire, Maria das Neves, Luiza Satanela, Dina Tereza, Georgina Cordeiro, Adelina Campos, Laura Fernandes, Auzenda de Oliveira, Clara Baptista e Beatriz Beimar.

No Teatro Capitolio realizar-se-á um elegante chá dançante servido pelas artistas, com o brilhante concurso das duas orquestras-jazz do Capitolio.

Será este o ponto de reunião da sociedade elegante durante a tarde dos festejos.

Hospital de Jesus

A mais economica e confortavel Casa de Saude. Quartos particulares — Amplas enfermarias com Aquecimento central.

Hospitalizações desde Esc 20\$00
Travessa da Arrochela, 2 Telef. P. B. X. 2 3401

Onde melhor se almoça, por 10 escudos, é na "Chic".

Mundano

Aniversários

Fazem amanhã anos as srs.:

Baronesa do Seixo, D. Sebastiana Viana Ferreira Roquete, D. Maria Izabel Varennes Monteiro de Mendonça, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Julia de Castro e Almeida de Melo Breyner, D. Maria da Gloria de Queiroz e Lencastre, D. Margarida de Faria Teixeira Bastos, D. Madalena Firmo Cunha, D. Beatriz Madureira, D. Ema Wellenkamp Lamy, D. Maria Beatriz Centeno Górgio Henriques, D. Maria Tereza Santos Leitão, D. Maria das Dores Lomelino de Portugal Colaco e as meninas Maria do Carmo Dantas Rodrigues dos Santos e Alda dos Santos Moutinho de Carvalho.

—Faz hoje anos o sr. Epifanio Rodrigues.

Pontos de reunião

No Trindade

Assistencia elegante á estreia ontem neste teatro do novo original do nosso colega na imprensa, e crítico teatral sr. Antonio Ferro «O Estandarte».

D. Branca Mesnier Pinto e filha, D. Sara da Mota Vieira Marques, D. Maria da Conceição Pinto de Moraes Sarmento Cohen, D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal e filha, D. Izabel Ortigão Ramos Jorge, D. Luiza Deslandes Blanch D. Palmira Cau da Costa Santa Rita, D. Maria do Carmo Pereira de Lacerda e filha, D. Elisa da Costa Novais, D. Maria de Santa Ayres de Campos (Amal), D. Maria da Penha Vieira de Andrade, D. Maria de Castelo Branco Arantes, D. Alda Decken dos Santos Lino, D. Maria Samwell Diniz, D. Julieta Simões da Fonseca, D. Angelica Pavão Pereira da Rosa, D. Carlota de Araújo de Serpa, D. Berta Goulart Caldas Forte, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Elvira Diogo da Silva, D. Berta Bastos Mendes, D. Amelia de Vasconcelos Porto de Villhena, D. Luiza de Sá Pais do Amaral Maciel, D. Maria Izabel de Abreu, D. Maria Luiza de Vasconcelos Porto Teles, D. Maria Amelia Santa Rita Gomes Neto e filha, D. Maria Santa Rita Amado, D. Maria Luiza Nunes da Silva Moreira de Almeida, D. Maria Tereza de Castro e Quadro Gilman, D. Olga de Moraes Sarmento, D. Emilia Perry Vidal Pereira Allen, D. Maria José Teles da Silva, D. Eliza de Faria Machado, D. Maria da Gloria Tavora de Noronha de Sá e Melo, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria Cristina Ribeiro da Silva de Noronha Feio, D. Carlota de Serpa Leitão Madeira, D. Maria Gabriela Goulart Caldas Forte, D. Maria Adelaide Lima Cruz e filhas, D. America Rocha Melo, D. Marta Ayres de Carvalho, D. Ester Abecassis Serula e filha, D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Alice Abecassis Seruly, senhora de Carlos Smith, D. Emilia Allen de Vasconcelos, senhora Armando Ferreira, D. Alice Botelho de Andrade, D. Beatriz Santa Rita Nunes da Silva, D. Maria Fernanda de Castro e Quadros Ferro, D. Margarida Querol Madeira, D. Candida Ayres de Magalhães, D. Virginia Vitorino, etc.

Doente:

Na Casa de Saude de Benfica, onde se encontra em tratamento, tem experimentado sensíveis melhoras, a sr.ª D. Maria José Soara, sendo seu medico assistente o clinico sr. dr. Mario Roça.

—Da mesma Casa de Saude retirou completamente restabelecido, o sr. Mario de Andrade Gonçalves, que ali foi operado, com muito exito, pelo professor e especialista sr. dr. Carlos de Melo.

—Foram operados, com muito exito, no Hospital de Jesus, as srs.ª D. Maria José Matos, D. Eugénia Fernandes, o sr. Francisco Rodrigues e o menino João Pedro Alvim, respectivamente pelos srs. drs. Amandio Pinto, Fernando Pinto Coelho, Celestino Henriques, e pelo professor Francisco Gentil, sendo o estado dos enfermos felizmente muito satisfatorio.

—Do mesmo Hospital, retiraram em franca convalescença, a sr.ª D. Margarida Correia de Barros, e os srs. Carlos Vale de Lacerda e dr. José Agapito Gordo.

As excelentes aplicações da MARGARINA VAQUEIRO

NA MEZA

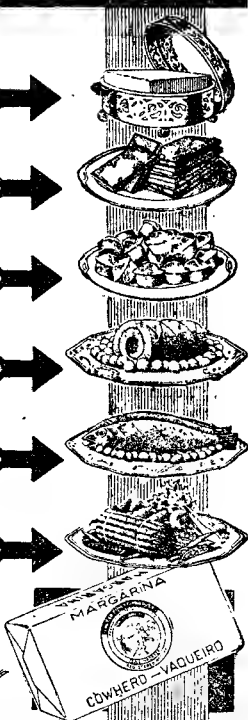
NAS TORRADAS

NOS BÓLOS

NAS CARNES

NOS PEIXES

NOS LEGUMES



A MARCA DE CONFIANÇA

NOVIDADES LITERARIAS

Um interessante capítulo de "O Diluvio"

o ultimo livro de Assis Esperança

Do ultimo livro de Assis Esperança, *O Diluvio*, ao qual nos referimos já com justas palavras de louvor, transcrevemos hoje um interessante capítulo.

As «fontes do abismo» haviam secado, as «janelas dos céus» foram fechadas para que detivessem as águas diluvianas, já pousara sobre o seu pedestal dos montes de Ararat a arca sagrada de Noé, toda feita das madeiras preciosas de Gopher, como mandára o Divino. Mancha negra, inquieta sobre o fundo azul do céu, era o corvo, que partia, voando, para voltar, voando, á sua arca, sem encontrar galho de arvore onde pousar, ou terra enxuta que pudesse consentir-lhe aquele seu saltitar contente de quando, onze meses antes, numa campina toda verde, onde espalhecia, o surpreendia Noé e o tomára para seu prisioneiro.

Ensalando vôos que desenleassem as asas do fio invizível da forçada indolencia, já a pomba, tão branca como era negro o corvo, ganhára o espaço e, subindo alto, abençoára, como cruz de bonança, toda a terra amaldiçoada que as águas justicieras cobriam. Mas regressára exausta, de bico vazio, sem poder contar ao seu senhor e ás aves e aos animais reunidos em assembleia ávida de boas noticias, que vira assomar, quanto mais erguer-se, daquella toalha líquida, retalho de planalto onde pudesse repousar a planta de seu pequenino pé. Picos de serra, cristas de montes avistára alguns, mas ali a vida era impossível. Que o testemunhasse o corvo negro.

Sem mastro alto de onde pudesse perscrutar o horizonte, Noé patriarca, que abria muita vez o lazearo da janela para soltar as duas aves, ariscou-se, numa tarde, a escancarar a porta da sua arca, para melhor observar o movimento das águas. E então viu quanto fóra exemplar o castigo de Deus. Tudo o que tivera vida, tudo o que possuía vontade própria passava ali boiando. Eram arvôres cyclopticas, cujas raizes tentáculos procuravam ainda fixar-se; eram cadáveres, muitos, de animais humildes, de paquidermes monstros, espapaçados, ventres ao ar, inchados; eram cadáveres de homens e mulheres de rosto convulso e angustiado, de mascara falaz ou cinica, de sorriso obsequioso ou ironico, como se houvessem encontrado a morte no momento exacto em que seus cerebros lhes tivessem ditado acções.

Nunca, como nessa hora, Noé sentiu quanto ele era um eleito de Deus por seus sentimentos de justiça; nunca, como nessa hora, ele melhor viu a nobre isenção de seu proceder. Se Deus castigára a corrupção de corpos e almas, abençoando-o apenas a ele, seus exemplos de quem serve intuitos e ideias sem nunca as commerciar, triunfariam através de seus filhos, demarcada a gloria por nobres temeris.

GUARANA
Telef. N. 5077—LISBOA



ASSIS ESPERANÇA

dades, e honra pelo cumprimento esculpido dos deveres.

Debruçou-se mais para as águas, prendendo a elas a sua melhor e maior atenção. E logo ouviu muitas exclamações, e gritos, e palavras. Nem tudo morrera. Sobre madeiros, entes humanos vogavam ainda, entregues a suas paixões: cantando-as, recitando-as, cada um recordando o seu caso, sem ouvir os outros, sem que os outros os ouvissem, restos, ultimos cadáveres em que a vida morria mais lentamente. Pareciam não reparar no perigo, no seu perigo. Naufragos, não se sentiam naufragos. Vendo, cada um, que muitos seres havia vogando como eles, acreditavam que futuramente a vida seria sempre feita assim.

Alguns remiravam-se nas águas, enamorados de si; outros diziam de suas riquezas e de suas vitorias; uns tantos balbuciavam sons como se tivessem medo das palavras.

A maioria, porém, vinha flutuando, braços abertos, como a dormir des-cuidosamente. A sua quietação era indiferença por tudo e para todos. Não prestavam, mas não solicitavam qualquer auxilio. Habituação á comodidade da sua indolencia, nem a horas da sua morte teriam um grito, uma exclamação mais alta que pudesse mostrar a sua revolta por violação da vontade.

E lá iam todos, mar em fora. Noé reconhecia-os. Eram sacerdotes e homens ricos, cortesãos e soldados-escravos das guerras. A gente de poder e mando, morrera, ha muito, a gritar, a esbracejar, sossobrando a cada blasfemia. Restavam aqueles acólitos: a vaidade lamentosa e a inveja passiva, o odio obsequioso e a cobiça mesquinha, a intolerancia por incompreensão e a mentira sorridente. A ira de Deus castigava-os a todos, e a tudo eles permaneciam indiferentes. A vida

—Quer V. Ex.ª boa cerveja, vá á «Chic».

da que lhes restava era a morte, e nada sabiam ver, entregues, como estavam, a seus demónios intimos.

Houve um momento em que, tomado pela corrente, um deles se aproximou da arca. Embora não lhe visse qualquer gesto de supplica, sentimentos de piedade acordaram em Noé. Já estender-lhe os braços quando as palavras do Divino voltaram a soar aos seus ouvidos: «A terra está cheia de violencias». — E debruçando-se, então, mais e mais para as águas, a sua sandália justiceira afastou o naufrago, devagar, lentamente...

Era na hora ultima do entardecer. Pouco a pouco a noite estendeu, por sobre tudo, os tules negros da treva. Escurecera. Ouviam-se, ainda, palavras e canticos, mas cada vez mais imprecisas, mais distantes. Correndo, as águas levavam para longe, para cada vez mais longe, os entes que Deus castigára. Horas depois, quando a luz da manhã foi dissipando negrumes, o mar estava calmo e limpo. Foi, então, que Noé voltou a soltar a pomba branca, tão branca como negro era o corvo, e ela voltou, á tardinha, com a folha de oliveira, verde e viçosa, a pender-lhe do bico bem cerrado.

Vivendo nós em pleno diluvio desde a Grande Guerra, castigo para o egoismo daqueles que pretenderam fazer triunfar, erguendo-o bem alto, esse mesmo egoismo resolvido em violencia, a Vida começa a não consentir indiferentes, preparando a transição que ha-de castigar as iniquidades, os roubos, as delapidações, as mentiras sobre que a Humanidade alijou o seu sistema social. Sobre montes himalaianos onde a agua de derrota não chegou ainda nem chegará nunca, necessario pois se torna que construam a sua arca, a exemplo de Noé, todos aqueles que sentem o seu problema, o problema da felicidade individual sempre iludido e postergado. Deverão ter a bordo a pomba da paz, que soltarão para vôos de bonança, mas recusarão guarida ao corvo cruciante, mui negro e agourento. A sua moral será regida pelo corceio de Pitágoras, aceitando Deus como o esforço maximo de suas qualidades imaginativas para a Perfeição. Por cada verdade que encontrarem, a sua superioridade moral aumentará; apagarão de sua memoria as frases e os conceitos de efeito que houvessem escutado, e que, por não serem sufficientemente claros para logo os tomarem por falsos, gastaram largo tempo a dissecar; não mais haverá delinquentes.

Numa época em que a duvida envenena os espiritos produzindo a indiferença que adormenta as consciencias, hão-de preservar-se de a embolar observando, para seu maior estimulo, os naufragos que passam, boiando, nas águas diluvianas.

Pertencem ao numero dos inconscientes que se entregaram á mercê da corrente os personagens destas novelas. O meu sonho de perfeição humana vi-os de bordo da Arca, e dei-xou-os seguir em sua embolia ou em sua insignificancia mental ou moral. Timidamente, ante o receio de consumir um facto que é intenção apenas, por vezes assoma, aqui e além, neste meu livro, um gesto de castigo — tal qual a sandália justiceira de Noé, mas o cadaver-vivo, tocado pela minha ironia, balouça um momento mas lá segue mar em fora. Confesso que, para um ou outro, tive, por vezes, lagrimas de ternura. — aquelas lagrimas que escorrem dos olhos para dentro, e vão descendo, descendo, até tombar, geladas e acres, no coração. Confesso. Ha destroços odiosos de martires sem virtudes a quem damos piedade apesar de tudo. — piedade que é a impotencia de os não podermos remodelar dum sópro, roubando-os ao rebanho inerte dos inconscientes onde o ridiculo e o reles, onde o tragico e o comico andam de mãos dadas.

CIMENTO TEJO

Nova fabricação com forno rotativo

O melhor cimento

Pedir informações a:

Antonio Moreira Rato & F.ªs, L.ª

Telef. 26980 Avenida 24 de Julho, 54, F Lisboa

ASPECTOS CIDADINOS

Lisboa carece de ser embelezada e defendida por um grupo de amigos

Janin, notavel homem de letras francès, declarou em 1839: — «A architectura, é a primeira das artes; é a arte das grandes nações, dos grandes reis e dos grandes seculos. Ela fala mais alto que a poesia, tão alto que a historia, tornando-se a manifestação vitoriosa de todas as forças que passam no mundo».

Pombal, o grande estadista lusitano, após se terem delineado e executado, por mãos portuguesas, os uniformes edificios da capital, as suas mais bem esculpidas fontes, e a melhor estatua equestre das côrtes europeias, também afirmou que «a architectura e outras lidimas artes, são os braços e as mãos de todo o Estado».

Depois da caprichosa Natureza — umas vezes pródiga, outras vezes avára — ninguém mais houve que melhor soubesse ornamentar e encarecer a crôsta da esfera, do que o architecto.

Foi ele, e só ele, que deixou, como a marcar á posteridade, pontos trigonometricos da sua arte e do seu engenho: no Egipto, as faraóticas Pirâmides; na Grécia, o dórico Parthenon; em Roma, o compósito Arco de Titus; no Mexico, o azteca Templo de Palanque; em Constantinopla, a bizantina Basilica de Santa Sofia; em Cambodge, o assamita Pagode de Angkor; em Espanha, a arabesca Mesquita de Cordova; na França, as goticas Catedrais; na Italia, os renascentistas Domus; na Austria, os neo-classicos Palacios Reais; na Baviera, as barrôcas Fontes; e mais um maximo de assombrosas maravilhas eternizadas no Universo.

Em Portugal, Patria dos mais assinalados varões, jámais o ceu concedeu a graça; a batalha, o triunfo; e o mar, a gloria, que, em obediencia gostosa a Reis, Prelados e Conquistadores, ele não levantasse, como prece a Deus, desses excelsos padrões de rendilhada pedra que, com legitimo orgulho, vemos ainda, em Alcobaça, Tomar, Aljubarrota, Belem, e por tanto chão sagrado da nossa terra.

Lisboa, de tão remotas tradições architectonicas, á qual, os formidaveis terramotos e as violentas invasões barbaricas não deixam, como ao contemplar-se as antigas ruínas de Roma, Atenas e Pompeia, adivinhar a sua evolução urbana, jacta-se de ser a urbe onde os fenícios, homens polidos, que já vinham de derramar a luz da arte, da industria e da sabedoria, em Syro, architectaram uns sólidos ladrilhos, então nomenclados «adobos», e uma rija argamassa por eles denominada «taipa», que pela sua duração, vieram a ser adoptados em muitos países, correndo dos antigos que foi com estes dois consistentes materiais que se levantaram as paredes dum Templo de Vestais, em Chelas, onde Aquiles esteve disfarçado de sacerdotiza — embuste de sua mãe, a Rainha Thetis, para o livrar dos perigos da guerra trolana — e, também, as de um outro, primorosamente forrado de finissimos marmores do Promontorio Cynthio, dedicado pelos gentios á Deusa ateniense Minerva, e que se edificava no cimo do alto monte onde hoje vemos o Castelo de S. Jorge, e em que, como disse já, algures, alevantaram, sucessivamente: o mouro, arrogante Alcaçova-Maior; D. Deniz, cómodo Paço Real; D. João III, estimavel Torre do Tombo; D. José, centralizada Alcaidaria-Mór; e os demolidores do seculo XIX, os tôrpes casarões que tanto nos envergonham. Nesse ultimo magnifico templo pagão, lembrava-se Asclepiades de ainda ter visto as gavesas, os lémes e as ancoras das galeras da armada de Ulysses, ali expostos em memoria da temeraria navegação que este matreiro principe fizera, para aproar á já tão invejada Elisa; e Estrabo, no seu terceiro livro que regista: «Urbs

Ulyssea est Minerva Tempium», diz estarem as suas paredes pintadas com toda a guerra de Troia, e com os trabalhos e tormentos que passou, no mar, esse Rei de Itaca, antes de ter a sorte de deparar com o assombroso Tagus e com a formosissima povoação que, depois, com o seu proprio nome, veio a crismar.

O mouro que, como é notorio, dispunha de habilissimos architectores, procedentes das famosas escolas cordovezas, de architectura e escultura, coisa bem patenteada na Mesquita de Cordova, no Alcazar de Sevilha e na Alhambra de Granada, nos quatrocentos e trinta e um anos em que esteve senhor de Lisboa, muito mais bela, inegavelmente, do que as três graças da Bética, onde se erguem essas sublimes reliquias agarenas, nada trabalhou pela sua opulencia, nada nela fez pela sua maior formosura.

Quando o valoroso Rei D. Afonso Henriques lha conquistou, ela não era mais do que uma cidade que falece. Embora, no decorrer da primeira dinastia, tivesse sido muito maiorecida, a ponto de D. Fernando a dotar com uma nova muralha de trinta e três portas, em substituição da moura, que unicamente tinha dôze, Lisboa só recebeu a primeira decoração architectonica condigna quando o nosso grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, em acção de graças pela sua victoria sobre os castelhanos, nos campos gloriosos de Aljubarrota, mandou erigir, em austero gotico, um majestoso Templo e um Mosteiro, sob a sagrada invocação de Nossa Senhora do Vencimento, na arrogante escarpa do Carmo.

Desde essa data inicial, jámais, então, um Soberano português deixou de manter a seu lado, o preferido architecto, para, em comunhão de ideias, se tratar de engrandecer e

aformosear a Côrte e a Patria. Assim, como a picotar evoluções da architectura, viu-se: João I e Afonso Domingues; Manuel I e Francisco Botaca; João III e João de Castilho; Sebastião I e Francisco de Holanda; Filipe II e Filipe Tercio; João V e Frederico Ludovico; José I e Eugenio dos Santos; Maria I e Costa e Silva; João VI e Xavier Fabri; ao que, porém, se seguiu, infelizmente, um funesto periodo de decadencia para a tão admiravel quão complexa arte de Vitruvio.

Lisboa, onde nos seculos XVI e XVIII, se atingiu o apogeu architectural, e tem a velar pela sua indispensavel «toilette», uma pleiade brilhante de architectos, como: Lino, Tertuliano, Branco, Machado, Cristino, Piloto, Pardo, Couto, Coutinelli, Norte, Andrades, mais concorrido, uma edificação que, pelo seu clacissismo, pela sua harmonia e pela sua beleza, deve ser considerado como pertença do intangivel patrimonio da cidade: aquela em que está instalado o Avenida Palace.

Esse nobre edificio que, pelo seu valor architectonico, se torna a construção lisbonense mais notavel dos ultimos cinquentta anos, é obra-prima de José Luiz Monteiro, Mestre de mestres da architectura portuguesa, e veneranda reliquia que ainda temos a ventura de sentir palpar.

Mas, que vos importam — oh maldita horda de barbaros! — essas obras do génio e do entendimento humanos?!

De mais sabemos nós, que trilhamos uma geração mutiladora, de egoismo, de ganancia e de absurdo; e, se houvessemos de apontar todo o vandalismo que se tem cometido e comete por essa Lisboa fóra, não não nos chegaria, de certo, um tão grosso volume como o do nosso imortalizado «Lusitadas!».

E' lamentavel, e até criminoso, escangalhar-se o que é bom e que bem está, como se fez no magnifico Palacio

Foz, joia do mais puro renascentismo, e se está fazendo no já mencionado excelente edificio, ao qual, não satisfeitos com terem já quebrado a sua harmonia com o levantamento de um novo andar, não só, com occultos, e até defezos, trabalhos de sapa, tornaram perigosamente suspenso — quais fabulosos jardins babilonicos — como tamponaram, indecorosamente, com ridiculas caranguejolas, toda a aparatosa «passagem» que, de um a outro extremos, o atravessa, mutilando-se assim, por uma forma verdadeiramente criminosa, as suas esbeltas colonatas, que constituem, por assim dizer, o seu episodio architectonico mais aparatoso, não se lembrando, sequer, quem cometeu tão inqualificavel vandalismo de que, com isso, se prejudicou, enormemente, o proprio Hotel nele instalado, o qual, como todos os seus congenereos estrangeiros, precisa de ser servido por grandiosas entradas e soberbos vestibulos, e de nunca obrigar os seus hospedes a entrarem de cócoras, ou pouco menos, como ali se affigura ser necessario.

Ao percorrer-se as grandes capitais da Europa, um dos motivos que mais nos prendem a retina sempre ávida de sensações inéditas são, justamente, as movimentadas «passagens», trechos de via publica, plenos de colorido e de graça, onde se encontram os mais escolhidos e sumptuosos estabelecimentos; estão neste caso: «Burlington Arcade», de Londres; «Passage des Champs Elysées», de Paris; «Galerie Vittorio Emanuele», de Milão; «Kaiser Gallerie», de Berlim, que são completos modelos no genero.

Quanto não teria a lucrar o embelezamento de Lisboa, se, para se obter, ou melhor, para se reaver uma dessas interessantes «passagens», aproveitassem o referido recinto, obrigando quem de direito á sua immediata reposição no estado devido e primitivo, para bem, e em nome dos altos principios da estetica citadina, dignos do respeito de todos os nacionais amigos da sua capital, e do de quaisquer estrangeiros que ela, carinhosamente, acolha.

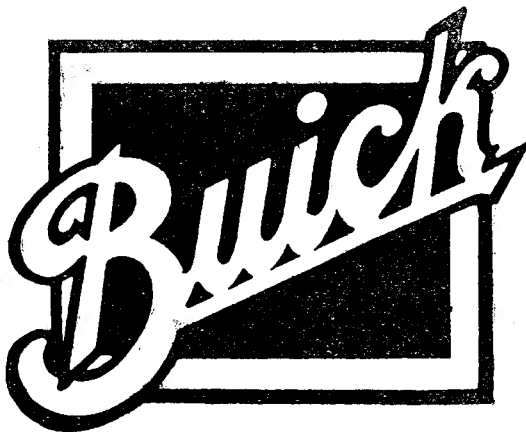
E essa «passagem», que deveria ser coberta de aparatosa cupula de policromos vitrais, e, de noite, iluminada a opalino «giorno», seria também, como aquelas estrangeiras, ladeada por vistosos estabelecimentos de luxo, e assim, esse lugar, agora inutilizado e vedado ao publico, tornar-se-ia não só um dos mais concorridos e interessantes, como também, o mais lucrativo para negocio; além de que, com este imprescindivel melhoramento, se facilitaria um tanto o já bem difficil transito de peões, que se nota nos movimentados e proximos sitios.

E' bom que o entendam: tudo o que dentro da cidade, mantenha uma função decorativa urbana, faz parte, em absoluto, do seu patrimonio, e portanto, como tantas vezes temos dito, está debaixo da tutela da jurisdicção e da alçada do seu proprio municipio.

Quando, ha uns noventa anos, também compeava, sem peias, a fina flor dos vandalistas, alguém alvitrou: — «Quizeramos que todos os bons residentes de Lisboa formassem uma especie de associação, e que, os seus membros, logo que lhes chegasse noticia de algum atropello cometido na cidade, imediatamente o participassem á sede da sua patriótica agremiação, para ela, depois de individuar as circunstancias do cometimento, se dirigisse á imprensa, com todos os pormenores e detalhes, e a indicação do nome do seu autor — quer entidade official, quer simples particular — para que ela, como é justo, lhe desse a maxima publicidade, por forma a fazer intervir, eficazmente, no assunto, os poderes publicos».

Porque não a formarem agora, vós, amigos de Lisboa?

E. RAPOSO BOTELHO.



**DIA E NOITE, HOJE
E DIAS SEGUINTE**

Continuam em exposição, por amavel deferencia dos seus proprietarios, alguns dos mais interessantes modelos das novas séries

BUICK 1932

8 cilindros em linha

com os ultimos aperfeiçoamentos, entre os quais figuram:
— o **CONTROLE MÁGICO** (embragem automatica)
— a **RODA LIVRE**
— a **TRANSMISSÃO SINCRONISADA** (com a 2ª silenciosa)
— o **REGULADOR DE COMODIDADE EM MARCHA**
e tantos outros que contribuíram para o maior dos triunfos registados na historia do BUICK, batendo de longe toda a concorrência.

CONCESSIONARIOS

DINIZ M. D'ALMEIDA
206—Avenida da Liberdade—218
(Stand Buick)
Lisboa

CUNHAS & ALMEIDA, LTD.ª
71—Avenida dos Aliados—81
Porto

D
U
L
U
XO
ESMALTE
MILAGROSOUm novo tipo de esmalte
aplicavel a todas as superfícies....De grande duração...
...Seca rapidamente...
Conserva o seu brilho
inicial...
Muitas e diversas caracte-
rísticas sem igual, nunca
obtidas em quaisquer ou-
tras tintas ou esmaltes.

Peça detalhes.

DU PONT

BETHENCOURT BROS. LTD.

Praça do Município, 12
LISBOASORIA, LDA.
Rua Ferreira Borges, 9
PORTO

Havas

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro
Assembleia geral ordináriaE' convocada a Assembleia Geral Ordinária
para o dia 28 de Abril corrente, pelas 14 e 30
horas, na sed. da Companhia, Avenida da
Liberdade, 18, 3.º, esquerdo, para apresenta-
ção do Relatório e Contas referentes ao exer-
cício do ano de 1931, no termos Estatutários.
Lisboa, 2 de Abril de 1932.
O Vice-Presidente da Mesa da Assembleia
geral, Antunes Leitão.

LIZ

Cimento Portland Artificial

Em barricas de 180 quilos
e sacos de 50 quilosO melhor e mais regular dos cimentos
Endurecimento rapido

AS MAIS ALTAS RESISTENCIAS

Produção anual de 120.000 toneladas empregando
dois fornos rotativos metallicos

Empresa de Cimentos de Leiria

S. A. R. L. -- Capital 8.000.000\$00

Fabricas em MACEIRA MARTINGANÇA
Escritorios: Rua do Cais de Santarem, 64,
1.º, LISBOA—Telefone P B X 2 1331
Filial do Norte - Rua Formosa, 297—Porto

AGENTES EM TODO O PAÍS

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Ciclone»
Trindade—A's 21 e 30—«O Estandarte».
Politeama—A's 20 e 30 e às 22 e 30—«O pai da
criança».
Apolo—A's 21 e 45—«O quarto azul...».
Variedades—A's 20 e 30 e 22 e 30 — «Am! Pam!
Pum!».

CINEMAS

São Luis—A's 21 e 15.
Rivoli—A's 21 e 15.
Odeon—A's 21 e 30.
Olimpia—Das 14 e 30 às 24.
Royal Cine—A's 21 e 30
Condes—A's 21 e 15.
Cine Palacio—A's 21 e 30
Central—A's 21 e 30.
Chiado Terras—A's 21.
Salão Ideal—A's 18.
Belgica Cinema—A's 20 e 30—Rua da Benefi-
cência—Quartas, sabados e domingos—SO-
NORO.
Promotora—Largo 20 de Abril ao Calvario—
A's 21.
Paris-Cinema (Sonoro)—R. Don'ngos Sequeira.
Eden Cinema—R. Alvaro—A's segundas, quin-
tas, sabados e domingos.
Palatino—Rua Filinto Elísio, a Santo Amaro
Campolide Cinema—Espectáculos.
Estrela d'Alva—Rua de S. Paulo.

DINHEIRO!!

Empresta-se, ao juro da lei, sobre todos os
artigos que ofereçam garantia. Compra e
vende antiguidades, ouro, joias, etc.

José Mayer

16—RUA DO LORETO—18
TELEFONE 2 2881

CLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telefone 26195
DR. ARMANDO NARCISO—Medicina, Coração
e pulmões—5 h.
DR. BERNARDO VILAR—Cirurgia Geral, ope-
rações—5 h.
DR. MIGUEL DE MAGALHAES—Rins e vias uri-
narias—10 h.
DR. CORREIA DE FIGUEIREDO—Pele e sífilis
—5 h.
DR. LOFF—Doenças nervosas, electrotera-
pia—3 h.
DR. MARIO DE MATOS—Doenças dos olhos—
2 h.
DR. MENDES BELLO—Estomago, fígado e in-
testinos—3 h.
DR. FILIPE MANSO—Doenças das crianças—
4 h.
DR. CASIMIRO AFONSO—Doenças das senho-
ras, operações—2 h.
DR. FRANCISCO CALBEIROS—Garganta,
nariz e ouvidos—4 h.
DR. A. CARVALHO DIAS—Nutrição e impu-
lso—4 h.
DR. ARMANDO LIMA—Boca e dentes, prote-
se—12 h.
DR. ALEU SALDANHA—Raios X—4 h.
ANALISES CLINICAS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO DO NORTE DE PORTUGAL

CAPITAL 5:000.000 DE ESCUDOS

SEDE EM LISBOA—Rua da Victoria, 94, 1.º

Emissão da 2.ª série de obrigações para a construção da linha da Boa Vista á Trindade, prolongamento das linhas
da Povoia e de Guimarães ao centro da cidade do Porto89.512 obrigações do valor nominal de Esc. 100\$00 cada uma—Autorizada por Decreto n.º 17.842 de 31 de Dezembro de 1929, publicado
no «Diário do Governo», n.º 6-1.ª Série, de 8 de Janeiro de 1930; Decreto n.º 20.512 de 6 de Novembro de 1931, publicado no «Diário do Governo»,
1.ª Série n.º 263 de 14 do mesmo mês, e portaria n.º 7285 de 4 de Fevereiro de 1932, publicada no «Diário do Governo», 1.ª Série n.º 33 de 8 do mesmo mês e anoJUROS E AMORTISAÇÃO—a) O juro anual liquido de 7,5 % será pago aos semestres nos dias 2 de Julho e 2 de
Janeiro de cada ano, sendo o proximo vencimento em 2 de Julho de 1932, e ESTÁ ISENTO de IMPOSTOS—(arti-
go 35.º do contracto entre o Governo e a Companhia, «Diário do Governo» n.º 189, 2.ª Série, de 25 de Agosto de
1927, aditado pelo Dec. 17.633 acima citado.—b) A amortização é feita em 40 anos a começar em 1937, por sor-
teios semestrais em Junho e Dezembro de cada anoGarantias da Emissão—Além de lhe ficarem affectos os rendimentos da linha a construir, o Estado garante aos portadores das
obrigações desta emissão o pagamento integral dos juros e amortizações—(Decreto n.º 20.512 de 6 de Novembro de 1931,
publicado no «Diário do Governo», 1.ª Série, n.º 263 de 14 do mesmo mês).Condições da Subscrição—A emissão é feita a Esc. 95\$00 por obrigação ou seja um rendimento de cerca
de 8 % [7,894 %], sendo pagos no acto da subscrição 40\$00 Esc. e o restante 20 dias depois contra a entrega
das cautelas definitivas.Esta emissão fica sujeita a rateio, que será feito no prazo maximo de 20 dias da data do fecho da subscrição.
As obrigações são de coupon e em títulos de 1, 5 e 10.A subscrição está aberta dos dias 7 a 14 de Abril de 1932, nos escritorios da Companhia, em Lisboa, Rua
da Victoria, 94, 1.º, e no Porto, Praça Coronel Pacheco, 60; nas estações da Companhia; nos Bancos, Casas Ban-
carias, Cambistas e Corretores, de Lisboa e Porto.

Sempre às 9 3/4 ha uma enorme concor-
rência no APOLO - Telef. 2 8643

O QUARTO AZUL

Espectaculo proibido a menores e impro-
prio para meninas
Autentica fabrica de gargalhadas, agra-
dando a ambos os sexos

ESTRANGEIRO

Dr. Armando Narciso

Clinica medica

Praça dos Restauradores, 48, 1.º

Um invento destinado a destruir cidades a distancia

WASHINGTON, 7.—O senador Frazier pediu ao Congresso que seja nomeada uma comissão secreta encarregada de estudar um invento que consiste num engenho destinado a destruir, por explosão e incendio, cidades ou forças colocadas a grande distancia que po-
de ir até mil milhas. Esse engenho destruiria com a maior facilidade os couraçados melhor apetrechados. O inventor chama-se Barlow, e reside em Stamford (Connecticut). Barlow parece ter inventado outros aparelhos de bom-
bardamento e estaria na disposição de ofere-
cer o seu invento. ao governo dos Estados Unidos.—(Havas)

A situação na Terra Nova

SÃO JOÃO DA TERRA NOVA, 7.—Recebe-
ram-se alguns pormenores do assalto da mul-
tidão ao principal armazem de vinho. Foram
40 ex-combatentes que, auxiliando a Polícia,
conseguiram dominar a situação. Por outro
lado, Squires, que tinha desaparecido, voltou
durante a noite à Presidência do Conselho.
Varios ministros estariam empenhados em
convence-lo a demitir-se.—(Havas)

Arrêsto às receitas dum Estado

MELBOURNE, 7.—O governo da Common-
wealth publicou uma proclamação autorizando
o arresto das receitas do Estado da Nova
Gales do Sul, em consequência do Supremo
Tribunal ter reconhecido a validade da nova
lei relativa aos Estados que não cumprem as
suas obrigações.—(Havas)

INFORMAÇÕES
Caixa Postal 181 Fox Telefone 2 2737

BOLSA DE LISBOA

7 de Abril
CONTADO

VALORES	Elecção	Compra	Venda
Emp. 6 1/2 0/0 1923 ouro	955\$00	951\$50	956\$00
Externas da 1.ª Série ..	992\$00	991\$00	993\$00
Externas da 2.ª Série ..	987\$00	986\$00	989\$00
Externas da 3.ª Série ..	1.060\$00	1.059\$00	1.062\$00
Portos 6 3/4 1930.	531\$00	531\$00	534\$00
Consolidação 6 1/2 1930	504\$50	504\$00	504\$50
B. C. de Lisboa assent.	322\$00	321\$00	—
B. C. de Lisboa port.	—	23\$00	—
B. L. & Açores assent.	—	—	—
B. L. & Açores port.	237\$00	235\$00	237\$00
B. N. Ultramarino assent	—	—	—
B. N. Ultramarino cupão	41\$50	41\$00	42\$00
Banco Portugal assent.	—	820\$00	—
Banco Portugal port.	817\$00	816\$00	820\$00
C. de Seguros Fidelidade	—	9.050\$00	9.500\$00
C. de Seguros A Mundial	—	—	180\$00
C. de Seguros Nacional	—	300\$00	320\$00
C. de Seguros Sagres	—	—	100\$00
Obrig. C.ª Fer. Benguela	970\$00	965\$00	975\$00
Obrig. N. Portugal 9 0/0	—	108\$00	—
Obrig. N. Port. 7 1/2 Trof.	95\$00	95\$00	95\$50
Obrig. N. P. 7 1/2 B. Vista	93\$50	93\$00	94\$00
Obrig. C. P. Port. 7 0/0	85\$00	84\$50	87\$00
Obrig. C. P. Port. 8 0/0	84\$00	84\$00	84\$50
Obrig. C. P. Port. 10 0/0	90\$20	90\$20	90\$50
Ações Aguas L. assent.	—	190\$00	—
Ações Aguas L. port.	—	—	—
Ações Gaz Elect. cupão	153\$00	157\$50	159\$00
Ações Port. e Colonias	61\$50	61\$20	62\$00
Ações C. N. Navegação	—	88\$00	90\$00
Ações Portug. de Pesca	—	82\$00	83\$00
Ações P. de Tab. cupão	180\$00	178\$00	180\$00
Ações Tab. Port. cupão	218\$00	216\$00	218\$00
Ações Tabaquei. cupão	—	550\$00	600\$00
Ações Ambolm 1.ª emis.	13\$00	13\$00	14\$50
Ações Açúcar d'Angola	—	143\$00	150\$00
Ações Buzi 1.ª Emissão	—	35\$20	—
Ações C. de Navegação	—	—	—
Ações Ilha do Príncipe	—	190\$00	199\$00

Henrique de Barros Gomes

Corretor Oficial da Bolsa de Lisboa

Papeis de credito

Bilhetes do Tesouro

Rua de S. Julião, 69 Telef. 2.5482

CAMBIO

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	109\$80	110\$20
Paris	1\$14,3	1\$14,7
Madrid	2\$19	2\$19,8
New-York	28\$98	29\$08,6
Zurich	5\$63	5\$65,1
Roma	1\$49,5	1\$50
Bruxelas	4\$05,8	4\$07,3
Amsterdão	11\$73	11\$77,3
Berlim	6\$87,1	6\$89,6
Praga	8\$5,7	8\$6
Rio de Janeiro	1\$81,4	1\$85,1
Libra ouro	—	—

As famosas joias de Caxaca provocaram uma grande controversia

MEXICO, março.—A descoberta sen-
sacional de joias antigas mexicanas,
em janeiro ultimo, suscitou uma con-
troversia científica, que, pela sua vio-
lencia e gravidade de acusações fei-
tas, não tem precedente na historia.

Como se poderá recordar, na pro-
vincia de Caxaca, num tumulto situa-
do no Monte Alban, o professor Alfon-
so Caso descobriu uma preciosa colec-
ção de joias antigas, duma beleza e
luxo inauditos. O professor Caso é di-
rector da secção arqueologica do Mu-
sei Nacional Mexicano.

Grande foi, portanto a surpresa,
quando o professor Ramon Mena no
jornal «Excelsior» o acusou de ter fal-
sificado as joias. Esta acusação foi
tanto mais sensacional, quanto era
grande o orgulho do país por ter feito
tão grande descoberta, e de ser obra
exclusiva duma expedição puramente
nacional.

O acusador professor Mena está
actualmente ao serviço do Arquivo
Nacional Mexicano porém já desem-
penhou o cargo que hoje ocupa o pro-
fessor Caso, a quem acusa. As suas acu-
sações fundam-se em argumentos que
um leigo não pode apreciar. A «Unit-
ed Press» pôs-se em comunicação
com um arqueologo, igualmente co-
nhecido na America e na Europa, o dr.
Manuel Gamio, para obter a sua opi-

nião acerca das joias ha pouco desco-
bertas.

O dr. Gamio crê que todas as joias
são autenticas, sem poder por ora dar
a sua opinião definitiva, pois sómen-
te as pode examinar muito superfic-
ialmente. Todas as joias provêm da
época anterior á vinda dos espanhoi-
s. Por outro lado, algumas das peças de
ceramica encontradas pelo professor
Caso no tumulto não tem além de 50
anos de antiguidade. Provavelmente
os indios que abriram o tumulto com
respeito não ousaram penetrar na ca-
mara funeraria e deixaram esses
objectos com oferendas votivas dentro
do sepulcro. Seja como for, não é a
ceramica de data mais recente que
traz á discussão a autenticidade das
joias.

O professor Mena já esteve outra
vez numa questão de falsificações de
antiguidades. Enquanto ele, numa co-
municação sua, considerava certos
objectos encontrados com «uma gran-
de descoberta arqueologica», a maior
parte dos arqueologos, pelo contrario,
não os consideravam autenticos, e a
revista de arqueologia «Ethnos», qua-
lificou-os de «escandalosa falsifica-
ção». As tão discutidas joias de Mon-
te Alban, que se encontram devida-
mente guardadas na camara blinda-
da do Museu Nacional, são objecto
dum exame muito detido.—(United
Press).

Institutos para estudos internacionais

PEEKSKILL, (Nova York), março.—
O banqueiro americano Chester D.
Pugley ofereceu aos governos de va-
rios Estados estrangeiros e a cada um
deles 250 dolares, para com estas
quantias promoverem a criação de
«Institutos para estudos internacio-
nais». O fim destes institutos é con-
vidar sabios eminentes e homens politi-
cos de varios países a ilustrar com

conferencias os principais problemas
teoricos e praticos da politica exter-
na. Até agora não aceitaram a oferta
os seguintes países: Japão, Grecia,
Bulgaria, Lituania, Noruega, Suecia,
Finlandia, Espanha, Dinamarca, Ho-
landa, Austria e Alemanha, pelo mo-
tivo de a subvenção ser tão reduzida
que mal dá para cobrir as despesas de
viagem.—(United Press).

MIMOSO

Chapeos de Primavera

COLEÇÃO PRIMOROSA
MODELOS DE ALTA MODA

146, 1.º RUA AUREA

Banco Lisboa & Açores

Sociedade Anonima de Res-
ponsabilidade Limitada

Fundada em 1875 — Capital Esc. 10.000.000\$00

Sede em Lisboa: Rua Aurea, 88 — Telefones Central n.ºs 1793, 1794 e 1795

Filial no Porto: Avenida das Nações Aliadas — Telefone n.º 93

Principais operações

Depósitos á ordem e a prazo—Descontos—Co-
branças—Transferencias para Provincias—Illas,
Açores e Madeira—Compra e venda de cheques e letras sobre o Estrangeiro—Contas corren-
tes com juros em Escudos ou moeda estrangeira—Cartas de credito sobre o Pais e Estran-
geiro—Compra e venda de coupons, notas de Banco, moedas de ouro e prata estrangeiras
—Ordens de Bolsa Lisboa-Porto e todas as praças do Estrangeiro—Empréstimos com garan-
tia de titulos—Empréstimos hipotecarios sobre propriedades urbanas—Cobrança de rendas
e administração de propriedades—Guarda de titulos.

—Quer V. Ex.ª uma cerveja bem ti-
rada? Vá ao La-Garc.

Quer a sorte grande?
Inscreva-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

A situação no Chile mostra-se complicada

SANTIAGO DO CHILE, 7.—Existe no Chile
certa inquietação publica pela possibilidade
de se declarar uma seria crise politica e fi-
nanceira, se não for aprovado rapidamente o
projecto de lei que suprime o padrão ouro
da moeda chilena, projecto que do senado
transitou novamente para a Camara Popular,
a fim desta examinar as emendas introduzi-
das no projecto pelo Senado as quais se refe-
rem especialmente á venda de cambiais de
moeda estrangeira em hasta publica e á proi-
bição feita ás companhias estrangeiras de
utilidade publica para aumentarem as suas
tarifas.

A situação financeira apresenta-se dia a dia
cada vez mais difficil, desaparecendo rapida-
mente da circulação as moedas de prata e ní-
quel, recusando-se os carros electricos e os
comerciantes a darem ao publico a demasia
em moeda fraccionaria. O publico vê-se assim
obrigado a fazer as suas compras no valor
minimo de cinco pesos, que é a nota de banco
mais pequena que existe.

O peso metal que tem 1,50 0/0 de prata
está-se vendendo a um peso e quarenta cen-
tavos.

O preço dos generos de primeira necessi-
dade, especialmente o açúcar e o café, subiu
vertiginosamente, attingindo já o açúcar o
exorbitante preço de dois pesos por quilo-
grama.

O ministro das Finanças declarou no Sena-
do que vai cunhar desde já três milhões de
pesos em moedas de níquel para aliviar a si-
tuação.

O ministro do Interior recebeu do alcaide
de Valdivia uma comunicação dizendo que
são insufficientes os fundos enviados pelo
governo para socorrer os operarios sem tra-
balho, acrescentando que o aumento dos pre-
ços dos generos de primeira necessidade na
região de Valdivia causam intranquillidade que
poderá pôr em perigo a ordem publica.—(Uni-
ted Press)

Desordem sangrenta

MADRID, 7.—Na aldeia de Lauret, perto de
Huesca, os radicais e os socialistas envolve-
ram-se em de ordem. Trocaram-se varios ti-
ros. Morreu uma pessoa. Várias mulheres fica-
ram feridas, sendo o estado duma delas grave.
—(Havas)

TABACARIA CAMÕES

AOS FUMADORES!!!

Cigarros Dusit, amarelo, 1\$50.

Ior — 60 livros, caixa, 3\$00.

Kalifa — 50 livros, caixa, 15\$00.

Boquilhas de cana a \$10 cada.

Lotarias todas as semanas aos preços

mais correntes

A 11 de Junho 3.000 contos

Bilhetes a 800\$00

Pedidos pelo correlo a

JAIME LAPAS, L.ª

Largo D. João da Camara, 19

Telefone 28260

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

RUA DO AMPARO, 51, LISBOA — Telefone 2 4000

Pianos — Reparações

7 — Travessa do Monte — 7

João A. P. Sampaio

Casa especializada em reparações de pianos.

Dirigir-se exclusivamente a Trav. do Monte, 7

ODEON HOJE
às 21,15 h.
HOJE—Notável estreia
Da sensacional super-produção
da «Fox» com JANET GAYNOR
e CHARLES FARRELL
Do Inferno ao Céu

ULTIMAS NOTICIAS

PRODUTOS REFRACTARIOS
das fabricas da
Comp. das Fabricas Ceramica
Lusitania
Lisboa Porto Coimbra
R. Arco Cego, 88/R. Almada, 249/Loreto

DO PAIS VIZINHO

O REGRESSO de Alcalá Zamora e a situação política

MADRID, 7 (Pelo telefone).—O sr. Alcalá Zamora regressou hoje da sua viagem. Depois de ver a sua família, presidiu ao conselho de ministros, no qual os titulares das Obras Publicas e da Marinha deram conta do triumpho alcançado pelo Presidente na sua viagem.

No mesmo conselho foi lido o programa das proximas festividades da proclamação da Republica, resolvendo-se que o sr. Azana leia no Parlamento a lei que cria o Exército de Voluntarios, destinado a evitar as despesas do Estado com a Legião Estrangeira de Marrocos, que será substituída por aquele corpo.—(United Press)

Conflitos sociais

CADIZ, 7 (Pelo telefone).—Foi declarada a greve geral em San Lucar de Barrameda.

Os grevistas têm apedrejado varios automoveis. Há já três feridos em resultado de tais aggressões.

O governador mandou fechar os centros operarios.—(United Press)

BILBAU, 7 (Pelo telefone).—Os comunistas presos desistiram da greve da fome que haviam iniciado. Por esse motivo, devem ser hoje postos em liberdade.—(United Press)

OS VALORES AMERICANOS tiveram uma grande baixa

NOVA YORK, 7.—Continua a baixa de valores, como consequencia da redução de dividendos e aumento de contribuições. As acções da «United States Steel» e da Companhia Americana de Telegrafos e Telefonos, as mais importantes da bolsa, desceram para 35 dolares e 106 e 3/4, respectivamente, sendo estas as mais baixas cotações conhecidas.—(United Press)

A viagem do «Zeppelin»

FRIEDERICHSHAFEN, 7.—Às 5 horas da manhã—hora local—recebeu-se uma comunicação directa do «Graf Zeppelin», que se encontra já a meio da sua travessia transatlantica.—(United Press)

A moda na Italia

ROMA, 7.—A imprensa empreendeu uma grande campanha a favor da moda italiana, com o intuito de obstar á importação de modelos estrangeiros, na Italia. Vai-se realizar uma grande exposição de vestidos em Turim. Uma casa de Milão propõe-se lançar modelos italianos. Esta iniciativa é acolhida pelos jornais com entusiasmo. As artistas italianas são a adoptar a moda nacional, exercendo deste modo influencia sobre o publico feminino para que adopte modas exclusivamente italianas.—(Havas)

Um choque de automoveis na Avenida 24 de Julho

Na avenida 24 de Julho, proximo da passagem de nível da Rocha do Conde de Obidos, deu-se hoje, cerca das 13 e 30, um violento choque de automoveis, que só por um feliz acaso não teve consequências graves.

No momento em que um carro fechado, conduzido pelo «chauffeur» Ballão da Silva Marques, seguia em direcção a Belem com relativa velocidade, ao cruzar com outro carro, surgiu-lhe pela frente um automovel conduzido pelo «chauffeur» Guilhermino Gonçalves, que se empenhava em ultrapassar o carro que seguia á sua frente.

Deu-se então o choque, do qual resultaram avarias de importancia em ambos os carros. No carro fechado seguia um passageiro que desapareceu, alarmado com o desastre. O outro conduzia um pequeno que seguia ao lado do «chauffeur» e recebeu ferimentos no rosto.

Os dois condutores foram presos e recolhidos á esquadra do Alcantar.

O CRIME DA RUA 20 DE ABRIL

O droguista Ilidio dos Santos diz os motivos por que resolveu guardar segredo

A sensacional revelação do erro judiciario que condenou o «chauffeur» Francisco Gouveia, da Policia de Segurança Publica, como autor da morte do caixeiro da drogaria da rua 20 de Abril, causou natural surpresa, sendo seguidas, por isso, com o maior interesse, as investigações policiaes em curso.

Como se sabe, o tribunal que julgou o «chauffeur», condenando-o injustamente, tais elementos encontrou no processo, que não hesitou em aplicar pesada pena ao reu, no mesmo erro incorrendo depois o Tribunal da Relação que confirmou a sentença.

Como foi isso possível? E' o que o agente Rosado Paulitos está a averiguar em todos os seus pormenores, verificado como está já que tudo contribuiu para conduzir a Justiça ao engano cometido.

O aludido agente da P. I. C. esteve hoje a interrogar demoradamente, a tal respeito, o proprietario da drogaria Ilidio dos Santos e os seus caixeiros José de Sousa Bernardo e Francisco da Silva Junior.

Do que contou o primeiro daqueles três presos, conclui-se o seguinte:

O caixeiro José de Sousa Bernardo, que estava, com o seu patrão, no segredo do crime que ambos pretendiam encobrir, deu ultimamente em comportar-se mal no exercicio da sua função, no estabelecimento, onde praticava varios furtos.

O outro caixeiro, seu colega, recentemente admitido na loja, descobrindo as irregularidades do Bernardo, intimou-o a repor as importancias roubadas, sob pena de o denunciar ao patrão ao que o Bernardo teria respondido:

—Não me importa que lho digas. Entre mim e ele ha um segredo que me garante.

O outro quiz, naturalmente, saber que segredo seria aquele, tão grave que impossibilitava um patrão de proceder contra um empregado que o defraudava.

O Bernardo, porém, defendia-se quanto podia, recusando-se terminantemente a revelar o tal segredo, até porque, segundo alegava, havia jurado pela alma da mãe não dizer nada a tal respeito, fosse a quem fosse e em qualquer circunstancia.

O companheiro do Bernardo comunicou o caso ao patrão e aquele chamou o pai do infiel caixeiro para lhe dizer o que se passava, aproveitando

o ensejo para o informar de que ia despedir o rapaz, o que, de facto, aconteceu.

O Bernardo foi dispensado do serviço da drogaria, e, para não ficar prejudicado nos seus interesses, entregou-lhe o patrão um documento em que se ocultavam os verdadeiros motivos do despedimento. Ficou assente entre o Ilidio dos Santos e o pai do Bernardo que este continuaria a nada revelar acerca do crime enquanto o Supremo Tribunal de Justiça não se pronunciasse no recurso que lhe fora apresentado, arrumando-o em definitivo.

Como quer que o Ilidio dos Santos contasse mais que durante o julgamento do «chauffeur» Francisco Gouveia esteve sempre com o sub-chefe Nunes, da Policia de Segurança, a criticar os depoimentos da testemunha Olívia da Conceição, vai também ser ouvido o aludido funcionario policial.

Contou ainda o Ilidio dos Santos ao agente Paulitos que ha tempos, encontrando-se no Club Maxim's com o advogado do «chauffeur» condenado injustamente, se dispôs a revelar-lhe a verdade toda, não o fazendo, porém, porque o sr. dr. Campos Coelho o informou então de que, tendo recorrido da sentença do Tribunal da Relação como já havia recorrido da do Tribunal da Boa Hora, estava esperando em que o processo baixaria a novo julgamento no primeiro daqueles tribunais.

—Porque não fez, apesar disso, a declaração que decidira fazer?

O Ilidio dos Santos voltou a explicar que ainda daquela vez lhe faltou a coragem para acusar o seu amigo, o Joaquim Roque, sobretudo por saber que ele conta varias prisões e que, denunciando-o, iria agravar-lhe a situação.

Acrescentou também que estava convencido, ao aconselhar o caixeiro a guardar segredo e ao guardá-lo ele proprio, de que o crime ficaria impune dada a confusão que á sua volta se estabeleceu.

O agente Rosado Paulitos vai levantar, esta tarde, a incomunicabilidade aos presos, devendo ainda hoje ser interrogado o Joaquim Roque, autor do crime, visto a Policia estar convencida de que a pistola com que foi morto o caixeiro não foi arremessada ao rio como ele afirmou até agora.

O CASO DO ALJUBE

O RELATORIO do inquerito foi hoje entregue

O sr. tenentecoronel Pestana Lopes que, como ontem noticiámos, já concluiu o inquerito aos acontecimentos do Aljube, donde fugiram seis presos, tendo um deles atingido mortalmente com um tiro o guarda Antonio Lopes, entregou hoje, ás 17 horas, o respectivo relatório ao sr. ministro do Interior.

Nesse documento, conclui-se: que a Cruzada das Mulheres Portuguesas nada teve com o caso; que D. Julia Santos era apenas uma empregada daquele organismo; que contra a referida senhora existem fortes indícios de cumplicidade; e que o pessoal do Aljube foi inteiramente estranho aos acontecimentos.

Entretanto, a Policia Especial do Ministerio do Interior continua a procurar os seis presos que se evadiram, e a Policia de Investigação Criminal está organizando o processo referente á morte do guarda Antonio Lopes, cujo corpo vai ser autopsiado no Instituto de Medicina Legal.

DE LUTO

D. Maria Teresa Arroyo

Na casa da sua residencia, faleceu hoje a sr.ª D. Maria Teresa Pinto de Magalhães Arroyo, viúva do conselheiro João Arroyo.

O funeral da veneranda senhora realiza-se amanhã, pelas 14 horas, da rua Braamcamp, 84, 2.ª, para o cemiterio oriental.

Apresentamos pesames á illustre familia enlutada.

Marquesa de Warner de Parham

Pelo falecimento de sua mãe, a sr.ª Marquesa de Warner de Parham, encontra-se de luto a sr.ª baronesa Warner de Parham, a quem apresentamos os nossos sentimentos. O funeral realiza-se amanhã, pelas 16 horas, para o Alto de S. João.

O rapto do filho de Lindbergh

NOVA JERSEY, 7.—Aumentam as esperanças de descobrir o filho de Lindbergh, que se sabe estar a bordo dum barco. Ainda não foi comunicado, porém, o local onde se encontra o referido barco.—(United Press)

AVISO

Aos grossistas das especialidades farmaceuticas, farmacias e publico, vem a firma Antonio Serra, Limitada, na qualidade de representante e importadora exclusiva do URODONAL, informar de que no mercado português tem aparecido um produto com o mesmo nome mas sem a marca legitima do «Homem das Tenazes», e sem o rotulo em português atravessado diagonalmente por uma facha com as cores da bandeira portuguesa.

Todos os frascos do URODONAL que não tenham estas características devem ser rejeitados, porque só elas garantem a autenticidade de origem do produto e os seus efeitos terapeuticos.

RIR! RIR! RIR!

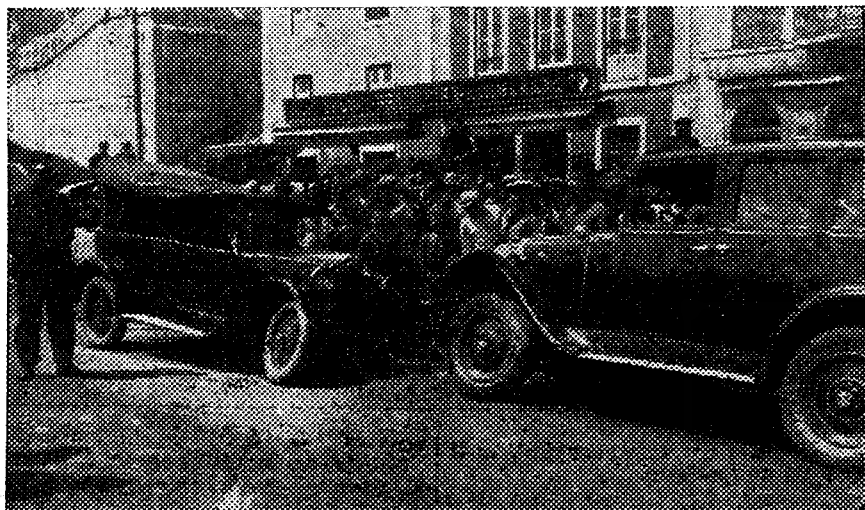
é a missão salutar da grande farsa

O Pae da Creança

em duas sessões

Todas as noites no

POLITEAMA



O estado em que ficaram os automoveis